

a fragata

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL



P
359.00
111

1976



Nossa capa: Toda aventura, beleza e disciplina que marca a vida dos homens do mar.

Desenho de autoria do Al Martins.
1º lugar no concurso de capas.

Sumário

- 1 Mensagem do Diretor
- 3 Editorial
- 4 Força Aeronaval
- 8 O destino dos oceanos
- 14 Sociedade Acadêmica Greenhalgh
- 17 25 anos de Colégio Naval
- 22 Viagem de instrução
- 26 Uma gota de beleza
- 28 Concurso literário
- 32 A Hidrografia vista pelo hidrógrafo
- 34 Esportes
- 41 12ª NAE
- 44 Agenda
- 49 Aquidaban
- 53 Nosso Patrono
- 58 A turma que sai
- 63 Nosso Paraninfo

Sociedade Acadêmica Greenhalgh

A FRAGATA

Ano XXV — nº 25 — dezembro de 1976

Diretor:

Sérgio Merola Junger

Redator-Chefe:

Antonio Reginaldo Pontes Lima Júnior

Secretários:

José Cláudio Cruz

Redação:

Paulo Vitor Sá de Gusmão, Ezevaldo Birkholz Garcia Duarte, João da Cruz de Araújo Costa, Carlos Eduardo Brandão de Albuquerque Alves, Hélder Chaves Martins, Glauco Castilho Dall'Antonia, Adelson Silva Lucena, Hélio Geraldo Pacheco da Magalhães.

Colaboradores:

Paulo Ricardo Girão Garcia, Luiz Gonzaga Campos, Maurício Groetaers Vianna, Francisco Marques Maia de Oliveira, Samuel Carlos Dias de Lima, Antonio Ailton Carneiro de Freitas, Gustavo Henrique Alves Martins, Leonam dos Santos Guimarães, Tertius Ribeiro, Edno Amaral Negrão.

Colaboradores Especiais:

Alte, Levy Penna Aarão Reis, Acadêmico Austregésilo de Athayde, Capitão-de-Corveta Vitor Schneider Padilla e Prof. Guilherme de Andréa Frota.

Fotografia:

Agência Nacional, 2º SG-MU Antonio Batista dos Santos e Grêmio de Fotografia.

Oficial Orientador:

CT Manoel Luiz Carneiro Busnardo

Diagramação:

Celso Mesquita

Revista dos Alunos do Colégio Naval

A conscientização dentro da qual a equipe de A FRAGATA em 1976 trabalhou, foi sem dúvida, algo de espetacular. Resultado deste mesmo trabalho a importância que a revista ganhou em tão pouco tempo, tanto dentro como fora do Colégio. Aproveitamo-nos disso para fortalecê-la em sua essência cultural, torná-la atuante dentro da jovem S.A.C., antes de tudo um grupo acadêmico.

O trabalho a que nos lançamos encontrou muito a ser feito e nos superamos com a finalidade de construirmos bases mais sólidas para as diretorias que seguirão nossas águas.

O ápice de nossos esforços está aqui, nestas páginas. Páginas que ficarão para o futuro, transporão distâncias, alcançarão críticas, despertarão saudades...

A REDAÇÃO



FORÇA AERONAVAL AS ASAS DE NOSSA MARINHA

Al Adelson Silva Lucena
Al Francisco Marques Maia de Oliveira

Quando a Marinha de Guerra do Brasil comprou na Grã-Bretanha, em fins de 1956, o Navio-Aeródromo "Minas Gerais", foi dado o primeiro passo importante para o ressurgimento da Aviação Naval em nosso país, pois, depois de sua criação em 1915, ela perdiera suas "asas" em 41, com a criação do Ministério da Aeronáutica, que reunia numa só arma, independente, as atividades aéreas do Exército e da Armada.

A Marinha recomeçou a voar, precisamente, em 1958 com dois helicópteros BELL 47 que aqui chegaram com os navios hidrográficos "Sírius" e "Canopus", adquiridos ao Japão. Pouco depois foram comprados na Grã-Bretanha três helicópteros Westland Widgeon, de cinco lugares. Ao mesmo tempo, o Ministério da Marinha comprava uma grande área de terreno em São Pedro da Aldeia, perto de Cabo Frio, onde construiria mais tarde sua primeira Base Aérea Naval.

Com a anunciada compra do "Minas Gerais", a Força Aérea Brasileira também logo se movimentou para a obtenção de material aéreo para operar a bordo do Navio-Aeródromo. Por intermédio do Programa da Assistência Militar dos Estados Unidos, conseguiu um esquadrão de bimotORES e seis helicópteros anti-submarinos, com os quais criou o 1º Grupo de Aviação Embarcada, sediado na Base Aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Tanto o material da FAB como o Navio-Aeródromo da Marinha de Guerra chegaram ao Brasil em 1961, após o que o Chefe do Estado-Maior da Armada encaminhou às unidades subordinadas o aviso nº 0191 do Ministério da Mari-

nha, criando a Força Aeronaval e o Núcleo de Comando de Aviação do Corpo de Fuzileiros Navais.

Tal expansão causou grandes discussões nos meios militares e governamentais do país, na época. Agravou-se a situação meses depois, quando da compra, na Europa, de seis treinadores Pilatus P-3, de fabricação suíça, e de uns 15 North American T-28. Os aviões chegaram ao Brasil encaixotados, a bordo de navios de transporte da Marinha, foram montados na Base da Avenida Brasil e, posteriormente, transportados de caminhão até São Pedro da Aldeia, onde passaram a voar intensamente nas mãos de pilotos navais. Mais tarde, os T-28 começaram a operar no "Minas Gerais", e a 22 de janeiro de 1964, o Navio-Aeródromo entrou triunfalmente na Baía de Guanabara com quatro dessas aeronaves simetricamente estacionadas em seu convés de vôo.

E a Marinha lutava para conseguir qualquer coisa que voasse. Na impossibilidade de adquirir mais aeronaves, tentou, mesmo, fabricar seus próprios aviões, contratando um projetista civil para desenvolver um Treinador que atendesse às necessidades básicas. O resultado foi o "Fragata", um monomotor. Sua construção atingiu um estágio relativamente avançado, mas o avião não pôde ser concluído.

Em 1965, o Presidente Castello Branco colocou um ponto final na disputa FAB/Marinha, assinando um decreto-lei que permitia à Armada operar exclusivamente com helicópteros. Hoje Aeronáutica e Marinha operam em conjugação perfeita, tanto a bordo do

"Minas Gerais" como na própria Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia.

Hoje a Diretoria de Aeronáutica da Marinha tem a seu cargo todo o planejamento administrativo e apoio logístico de nossa Aviação Naval. Atualmente, a Força Aeronaval, propriamente dita, é comandada pelo Contra-Almirante José Maria Amaral de Oliveira e está diretamente subordinada ao Comando-em-Chefe da Esquadra, tendo sob sua responsabilidade a Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Roberto de Oliveira Salvador. O CIAAN — Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval — tem como comandante o Capitão-de-Fragata Fued Moyses, e seus esquadrões de helicópteros têm no comando os Capitães-de-Fragata Hugo Guilherme de França, Mário Linhares de Sá Barreto e Arnaldo Oliveira Silva, sendo que estes quatro últimos fizeram parte da 1ª turma do Colégio Naval, no ano de 1951.

Atualmente há um plano-piloto destinado a programar o crescimento ordenado da Base, modernizando e renovando as instalações nos seus 14 quilômetros quadrados. Quanto a essa modernização, a Base conta com uma plataforma, recém-construída, para treinos de decolagem e pouso de helicópteros em convés de navio, que nada mais é do que um quadrado que retrata fielmente o espaço útil destinado às operações de pouso. Esta plataforma coopera com cerca de 50% de economia no consumo de combustíveis, pois antes dela existir, os alunos do Curso de Aperfeiçoamento de Aviação para Oficiais (CAAVO) eram obrigados a voar até os navios para os treinamentos.

FORMAÇÃO DE AVIADORES NAVAIS

Saindo da Escola Naval, o Oficial da Armada ou do Corpo de Fuzileiros Navais pode optar pela especialidade de Aviador Naval, passando por testes rigorosos de saúde e psicotécnico. O pessoal selecionado segue, então, para o CIAAN, que faz parte do complexo aeronaval de São Pedro da Aldeia, mas, o Oficial-Aluno durante seis meses recebe apenas aulas teóricas, tendo contato com helicópteros somente nos hangares. Os estudos compreendem: Meteorologia, Navegação, Aerodinâmica e Pilotagem Teórica em si-



Torre de comando e prédio da Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia

muladores, quando os Oficiais se familiarizam com todos os modelos de helicópteros empregados pela Marinha.

Após seis meses de instrução, o Oficial-Aluno segue para o Esquadrão de Instrução (HI-1), entrando pela primeira vez em um helicóptero. A Marinha Brasileira é pioneira em formar pilotos de asa móvel que não foram submetidos anteriormente à instrução em aviões convencionais. A experiência deu certo, pois segundo os oficiais-instrutores, a pilotagem de um helicóptero é mais complexa e exige maior perícia. Ao lado do instrutor o aluno realiza seu primeiro voo em helicópteros Bell Jet Range II, de 5 lugares, recebendo a instrução prática sobre a área da base, tentando, com a dificuldade inicial, manter o aparelho na altura e velocidade recomendadas.

A selva, entretanto, é a pior fase de adestramento. Um helicóptero deixa a equipe no vale do Rio São João, no interior fluminense, com a orientação para que permaneça na área alguns dias determinados. Os Oficiais-Alunos deverão seguir depois pa-

ra a Base por seus próprios recursos. O vale é uma das poucas regiões do Estado do Rio onde se encontra mata virgem, ainda não explorada pelo homem. Qualquer recurso pode ser empregado para a volta, desde que esteja na Base na data marcada. Terminada a instrução, os alunos são distribuídos para os outros esquadrões de acordo com a necessidade e a habilidade.

Os Oficiais-Alunos recebem cerca de 156 horas de instrução, basicamente divididos em 10 estágios: Pré-solo — 25 h; Precisão 30 h; Navegação por contato — 12 h; Instrumentos básicos — 13 h; Instrumentos rádios — 12 h; Radionavegação — 15 h; Formação — 12 h; Armamento e Operativo — 9 h; Viagem operativa — 20 h.

O CIAAN além de formar Aviadores Navais de outros países, como Peru, Chile e Venezuela, também tem sob sua responsabilidade a formação de especialistas em motores de aviação, equipamentos eletrônicos, estruturas e metalurgia, e manobras de

aviação, assim como de subspecialistas em equipamentos de voo, operação de sonar de aeronaves e controle de voo.

ESQUADRÕES DE HELICÓPTEROS

Como já foi mencionado, o treinamento de voo é ministrado pelo 1º Esquadrão de Helicópteros de Instrução (HI-1), que, além de formar novos aviadores navais, também se encarrega de manter a proficiência da voo de aviadores da Marinha que estejam, eventualmente, destacados em outras unidades ou ocupando cargos burocráticos.

Outro Esquadrão sediado na Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia é o 1º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral (HU-1), considerado o "faz tudo" da Força Aeronaval. Como o próprio nome sugere, "Emprego Geral", ele executa as mais variadas tarefas, quais sejam: lançamento de pára-quedistas, transporte de tropas, ligação e observação, serviços de hidrografia, guarda de aeronaves, transporte

FORÇA AERONAVAL AS ASAS DE NOSSA MARINHA

de autoridades, busca e salvamento, fotografia aérea, apoio a atividades de relações públicas e missões humanitárias (transporte de feridos).

Em missões de adestramento o HU-1 se desloca por todo o território nacional, divulgando por onde passa o nome da Marinha do Brasil. Seu efetivo atual compõe-se de helicópteros Bell Jet Range II, HU-5 Westland Wasp, HU-5 Westland Whirlwind e HU-4 Fairchild Hiller, sendo que este último tipo se encontra em fase de alienação.

Cabe ressaltar que o HU-1 é a primeira unidade aérea operativa da nossa Marinha e cujo 1º comandante é o atual comandante da Força Aeronaval.

Os Sikorsky SH-3D Seaking formam o 1º Esquadrão de Helicópteros Anti-Submarino (HS-1) sendo as maiores e mais sofisticadas aeronaves operadas atualmente pela Força Aeronaval, podendo operar em qualquer condição meteorológica. O sonar de mergulho levado a bordo tem um feixe de busca de 180°, e sua eficiência é aumentada pelo sistema de auto-estabilização de helicópteros. Ela é a mais nova unidade aérea da Marinha, tomando corpo e iniciando suas atividades em maio de 1965. Sua principal função é a caça e destruição de submarinos inimigos. Dentro desse espírito o HS-1 realiza anualmente, integrado na Esquadra, a Operação Unitas, manobra militar na qual operam conjuntamente navios das Nações da América do Sul e da América do Norte. Os pilotos do HS-1 são especializados nos vãos a baixa altitude, por instrumentos, em quaisquer condições de tempo. Utilizando um completo sistema de sonar, que escapou intato de um pouso forçado feito por um dos SH-3D da unidade, o pessoal do Esquadrão montou um simulador operacional que reproduz, fielmente, as mais variadas situações táticas encontradas



O Comandante do HU-1 passa às mãos do Al Lucena a medalha alusiva aos 60 anos de criação da Aviação Naval.

pelos operadores de sonar que, assim, podem se aperfeiçoar no uso do sofisticado equipamento sem necessidade de deixar o solo e ocupar, em caros vãos de treinamento, os grandes helicópteros.

No que tange à aquisição de novas aeronaves para a Força Aeronaval, a única coisa que se tem de concreto, no momento, é o contrato para o fornecimento de helicópteros Westland Lynx, que provavelmente se constitui-

rão no 2º Esquadrão de Helicópteros Anti-Submarino (HS-2).

Em que pese suas dimensões modestas, se comparada às grandes potências mundiais, nossa Força Aeronaval vem conseguindo desempenhar, de maneira eficiente, as missões que lhe são atribuídas, contribuindo decisivamente para a manutenção da soberania brasileira sobre suas águas territoriais, tanto na paz como na guerra, se necessária.



Helicóptero em adestramento na nova plataforma de pouso e decolagem da Base



Helicópteros Bell Jet Range II, unidades do HU-1



Um Sikorsky, helicóptero anti-submarino, a mais nova unidade aérea da Marinha

O DESTINO DOS OCEANOS

UM ENSAIO ATUAL SOBRE O MAR

Al Sérgio M. Junger

Escreveu Hugo Grotius em 1609: "A maioria das coisas torna-se debilitada com o uso desordenado. Não é o que acontece com o mar. Ele não pode ser exaurido nem pela pesca, nem pela navegação, isto é, nas duas maneiras pelas quais ele pode ser usado." Grotius estava certo em sua época. Hoje já não está mais. No decorrer de três últimas décadas, o homem vem encontrando outros usos para o mar, fora a pesca ou a navegação comuns. Hoje eles são:

- Perfuração do fundo do mar em busca de petróleo e gás;
- Transporte através dos oceanos de tremendas quantidades de óleo e outras substâncias nocivas, em navios de alta tonelagem;
- Desenvolvimento dos métodos de extração na plataforma continental de minerais; como o Níquel, o Cromo e o Cobalto.
- Uso inconsciente do mar como depósito para detritos industriais, resíduos radioativos e outros materiais nocivos como o mercúrio e o amoníaco.

Na realidade, os Oceanos são os últimos recursos comuns da humanidade e estão mudando rapidamente de caráter. A crise de energia e a crescente dependência de matérias-primas dos Estados industriais são fortes incentivos à corrida para o mar. Assim o mar corre o risco de se tornar um elo de discórdia. Entretanto, as Nações do mundo preocupam-se com este aspecto. Sabem que o futuro dos oceanos levanta problemas que são essencialmente de natureza regulatória. Dentro dessa conscientização é que foi feita a Terceira Conferência da Lei do Mar, patrocinada pelas Nações Unidas, iniciada em Nova Iorque em 1973 e concluída em Caracas em 1974. Foi um passo importante, dado a fim de prevenir abusos e tentar manter um uso disciplinado dos recursos do mar, através das resoluções nela tomadas.

POLUIÇÃO: A natureza na expectativa de uma solução.

Atualmente discutem-se muito os riscos que a poluição vai impondo ao futuro dos mares. A verdade é que já estão postos em prática em todo o mundo projetos anti-poluição visando a afastar tais riscos. Alguns desses projetos foram até certo ponto cobertos de êxito, quando aplicados em rios, lagos ou em pequenas enseadas. No entanto, para o mar, tais soluções mostram-se inadequadas.

O mar com sua imensidão, seu volume, será difícil de ser controlado depois que estiver exaurido em sua natureza, caso não sejam tomadas atitudes convenientes de prevenção à poluição.

Na maioria das vezes, os casos registrados de poluição marinha, em grande escala, são frutos de uma mentalidade irresponsável. Na Bahia, por exemplo, mais uma vez a Companhia Química do Recôncavo torna-se alvo de severas críticas. O motivo, agora é que seus obsoletos equipamentos continuam a despejar no mar, inexplicavelmente, uma das mais perigosas substâncias tóxicas conhecidas pelo homem: o mercúrio. Utilizado por seus técnicos para a fabricação de cloro e soda cáustica, é um metal que tem sido associado a doenças como letais intoxicações e lesões cerebrais irreversíveis. Sempre se recorda que, por volta de 1955, na baía japonesa de Minamata, foi a causa direta da morte de 79 pessoas, além de converter em monstros amorfos mais de 500 crianças.



Hugo Grotius, o pioneiro na doutrina dos homens do mar

No Rio de Janeiro, a atuação diária de quatro barcos-patrolha da Polícia Naval (Anchoa, Anequim, Agulha e Acarai), e as informações periódicas fornecidas por helicópteros da Base Naval de São Pedro de Aldeia e por pilotos de empresas aéreas comerciais, permitiram à Capitania dos Portos a aplicação de quase um milhão de cruzeiros de multas por despejo de óleo na Baía da Guanabara, de janeiro a julho deste ano. Para a Capitania, esses despejos já fazem parte da rotina de navios nacionais e estrangeiros, que preferem, inexplicavelmente, lançar o lastro (petroleiros) e o óleo de suas máquinas na baía, arriscando-se a multas, a bombeá-los para recipientes próprios para este fim.

Já passados quase dois anos depois que o petroleiro iraquiano TARIK IBNZYAD derramou cerca de seis mil toneladas de óleo na baía de Guanabara, ainda não estava definida a responsabilidade pelo acidente. Por haver infringido a legislação brasileira, a empresa foi multada em Cr\$ 336 mil, mas só as despesas com a limpeza das áreas atingidas pelo óleo somaram quase seis vezes mais do que o preço da multa. O acidente com o TARIK mobilizou seis entidades em função de suas consequências e motivou a criação de um grupo especial, destinado a atuar em casos de emergência semelhantes.

**PESCA: A atividade é primária,
mas requer disciplina.**

Com um aumento constante da população mundial e uma incrementada necessidade de alimentos, as reservas naturais do mar tornam-se cada dia mais importantes. Para satisfazer esta demanda, a tecnologia moderna divisoou meios altamente eficientes de ceifar os oceanos.

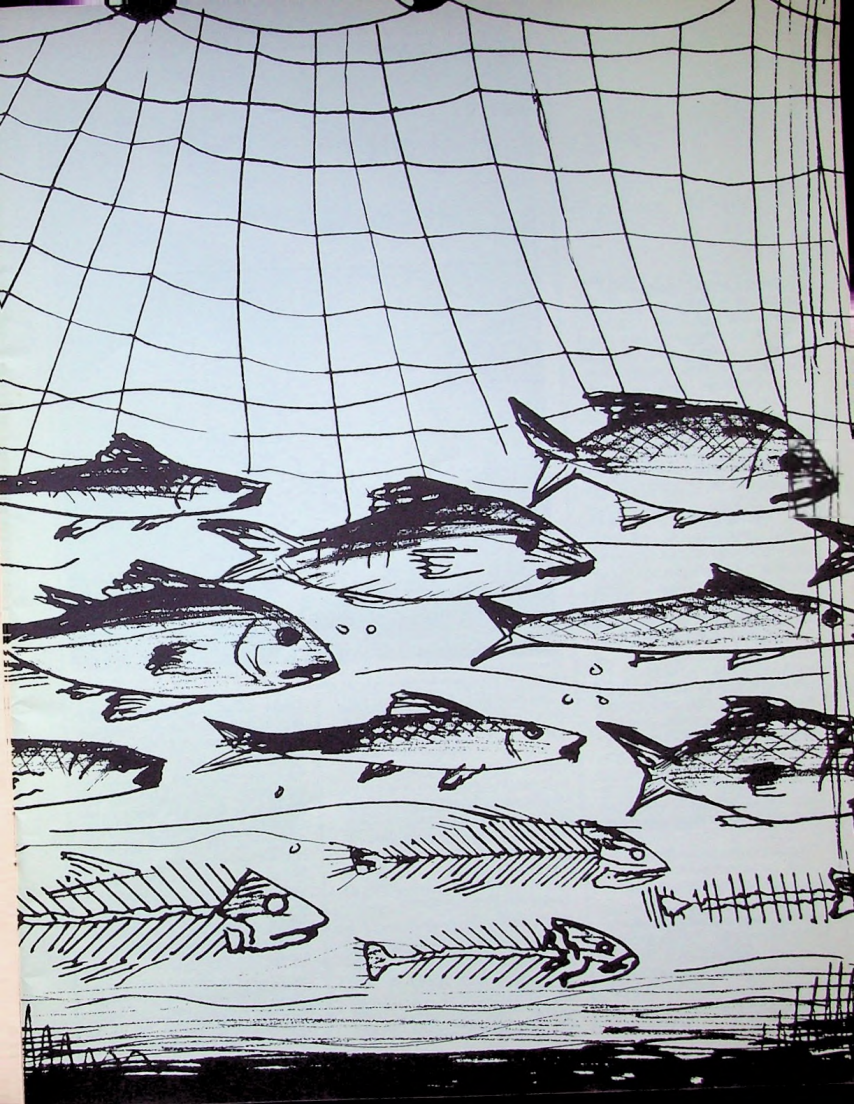
Quantitativamente, isto é, no que se relaciona com a tonelagem, o peixe só contribui em um por cento no total da alimentação humana, embora a pesca se tenha expandido, no curso da última década, em escala superior à da população mundial e à da produção mundial de alimentos. Esse aumento da pesca se processa num quadro pouco conhecido: só dez por cento dos trinta e seis bilhões de hectares do oceano produzem peixe para o abastecimento das populações. Os noventa por cento restantes são quase absolutamente desérticos. "Isso quer dizer que de todo o oceano — cerca de setenta e dois por cento da superfície do planeta — só uma área correspondente mais ou menos ao Estado da Bahia é que fornece peixe", revela o Almirante Paulo Moreira da Silva, certamente a maior autoridade brasileira em assuntos oceanográficos, que assim explica a deficiência: O fitoplâncton, pequenas algas que flutuam junto à superfície, só é mais abundante e mais

graúdo nas águas costeiras, onde a assimilação do carbono é superior. O fitoplâncton é a alimentação do zooplâncton — pequenos organismos, semelhantes ao camarão — que por sua vez alimenta aos peixes pequenos, como sardinhas, assim formando uma cadeia biológica. A fertilidade do oceano é, portanto, bem menor do que se costuma julgar. Urge, então, que se tomem providências visando uma melhor utilização dos recursos marinhos, sem trazer como consequência prejuízos, às vezes irreparáveis, ao equilíbrio ecológico de uma região. Mas já se faz sentir uma evolução nesse sentido. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, um milhão de post-larvas de camarão, nascidos em cativeiro nos laboratórios da Estação de Aquicultura de Guaratiba, vão ser lançados nas águas do Baía de Sepetiba nos próximos dois anos, com a finalidade de reforçar os estoques naturais, severamente ameaçados de extinção pela captura predatória realizada naquela região. Em consequência da queda vertical da captura do camarão verdadeiro (*Penaeus Schmitti*) na Baía de Sepetiba, a Secretaria de Agricultura de Abastecimento do Estado já iniciou o trabalho de repovoamento e reforço de camarões, fazendo um primeiro lançamento de 90 mil post-larvas, após o primeiro mês de desovas artificiais. Este tipo de pesca predatória é praticado com rede de arrasto de camarão, que elimina as espécies jovens, impedindo que cheguem a uma fase produtiva e que ofereça maiores lucros, impedindo que cheguem a uma fase produtiva e que ofereça maiores lucros aos pescadores.

**BRASIL: Porque as duzentas
milhas?**

O limite internacionalmente admitido para a soberania de qualquer país sobre as águas de seu litoral foi, até bem pouco tempo, um tiro de canhão, ou seja, 3 milhas marítimas. A conferência sobre o direito do mar, reunida em Genebra, em 1958, ampliou essa faixa, deixando a cada governo a faculdade de fixar a extensão de sua conveniência, contanto, que não ultrapassasse 12 milhas.

No Brasil, o interesse pelos recursos do mar começou em 1951, quando Getúlio Vargas declarou "integrada ao território nacional a plataforma submarina, a parte correspondente ao território continental e insular do Brasil". Os motivos para este ato baseavam-se no fato de a exploração e aproveitamento das riquezas naturais encontradas na plataforma serem cada dia maiores e de vários estados americanos já terem reivindicado esse direito de domínio, jurisdição ou soberania (Estados Unidos e México, em 1945; Argentina, 1946; Chile e Peru, 1947). Além disso, a intensificação da pesca em águas territoriais e alto-mar provocava leis nacionais e convenções internacionais para regular esse exercício.



Exceto alguns movimentos internos e isolados, o Brasil não colocou em discussão a extensão de seu mar territorial além das 3 milhas convencionais até 22 de setembro de 1966, quando o então presidente Castello Branco enviou ao Congresso projeto de decreto-lei ampliando para seis milhas as águas oceânicas nacionais, com a finalidade principal de proteger as atividades pesqueiras. Apesar de o decreto ter sido sancionado em 14 de novembro de 1966, diversos barcos estrangeiros continuaram extraindo grande quantidade de pescado e produtos do mar da plataforma continental brasileira, despertando a opinião pública para a necessidade de ampliar ainda mais a faixa marítima nacional.

Com o adoção do limite de 200 milhas pela Argentina, o Brasil anunciou que não reconheceria esse direito. Entretanto, logo foi assinado acordo multilateral entre os dois países e o Uruguai, estabelecendo a faixa de 200 milhas e garantindo, também, o respeito mútuo pelas seis milhas de soberania nacional de cada um deles.

O aparecimento, no Rio Grande do Sul, de barcos pesqueiros soviéticos capazes de aprisionar grandes quantidades de pescado levou em 1967, que se pedisse urgência para a tramitação, no Congresso, da lei que ampliava para 100 milhas o nosso território marítimo e por mais 100 a área de direito exclusivo de pesca.



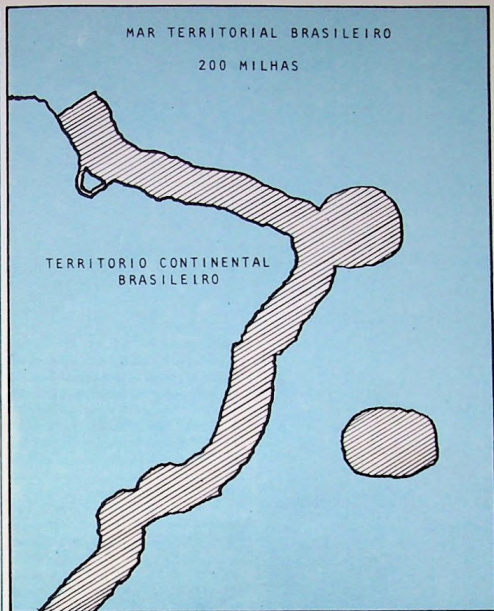
Dentre muitos distritos, os pneus são dos mais poluidores pela química usada na sua fabricação e por ser resistente à ação da natureza.

Neste mesmo ano, surgiu o projeto de lei complementar que definia e delimitava a plataforma submarina: 1. O leito do mar e o subsolo das regiões submarinas adjacentes à costa sob as águas do mar territorial e da zona contígua e fora destes, até a profundidade em que se puder aproveitar os recursos naturais aí resistentes; 2. O leito do mar e o subsolo das regiões análogas adjacentes às costas das ilhas oceânicas.

Com os pronunciamentos dos membros do Congresso e dos representantes do Itamaraty nos organismos internacionais, a plataforma submarina passou a ser principal questão do momento.

Desta forma, ao mesmo tempo que ocorria no Rio de Janeiro a sessão do comitê da ONU sobre a utilização pacífica dos recursos do fundo dos mares e oceanos, o presidente Costa e Silva baixava decreto-lei dispondo sobre a exploração e pesquisa na plataforma submarina do Brasil, inclusive desfazendo as dúvidas sobre este termo: "As expressões "plataforma submarina", "plataforma continental" e "plataforma continental submarina" são equivalentes para exprimir o objeto do presente decreto."

Entretanto, faltava definir ainda os limites do mar territorial brasileiro e, pouco depois, em 25 de abril de 1969, o Presidente, atra-



O mar de 200 milhas, passo importante para a preservação da fauna no litoral brasileiro

vês do ato nº 5, decretou que o mar territorial do Brasil compreendia todas as águas que banham o litoral do país, desde o cabo Orange, na foz do rio Oiapoque, ao Arroio do Chui, no Estado do Rio Grande do Sul, numa faixa de 12 milhas de largura, medidos a partir da linha de baixa-mar adotada como referência nas cartas náuticas brasileiras.

Essa situação permaneceu até 25 de março de 1970, quando o Presidente Médici baixou decreto-lei alterando o mar territorial para 200 milhas. O governo, ao expor seus motivos, ressaltou: "Pelo exame das razões apresentadas, verifica-se que, além do problema de origem econômica

representado pela necessidade de defesa do potencial biológico marinho brasileiro, foi dada especial ênfase ao aspecto político da questão. A adoção de uma solução coincidente com a que tende a prevalecer em toda a América Latina é julgada de grande conveniência, pois ensejará a formação de uma frente única latino-americana, no trato de questões afins, nos organismos e conferências internacionais."

A propósito deste ato de soberania, Clóvis Ramalhete, assessor jurídico do governo brasileiro na elaboração do decreto-lei, afirmou: "Ele se justifica, primeiro porque é lícito fazê-lo; segundo, porque temos plataforma de 120

milhas ao sul e 180 ao norte, e o mar de 12 milhas é desconforme e causa perturbações cobrir esta plataforma com águas em regime jurídico de alto-mar. E, ainda, por medidas de segurança: os casos de espionagem científica, por potências, deste e de outros continentes, multiplicaram-se"

Para se encontrar um meio legal e coerente de disciplinar os usos do mar, as Nações de todo o mundo deveriam, em primeiro lugar, tomar certas atitudes a cerca de suas deliberações, reconhecendo o mar como ponto comum de seus interesses. O futuro sadio da raça humana está incontestavelmente ligado ao comportamento harmônico da Natureza, da qual o mar — onde se originou a vida — é parte integrante e expressiva. É necessário, então, que se usem os espetaculares recursos da ciência moderna como instrumento de prevenção aos riscos que os oceanos correm. Talvez tais providências importem em diminuir a escalada no desenvolvimento industrial. Mas de que importará tanto progresso se depois não existir ninguém para dele desfrutar?

Bibliografia

- Caso Tank. JORNAL DO BRASIL, 6 de agosto de 1976.
 Meio Ambiente. Veja, 14 de julho de 1976, O
 MAR TERRITORIAL — Almanaque Abril 1976, Pág. 12
 Ivan Alves — MAR, O MERGULHO EM BUSCA DE
 RIQUEZA — Manchete, 20 de julho de 1976, THE
 FUTURE OF THE OCEANS — Department of External
 Affairs of Canada, 1974

ILUSTRAÇÕES: HUGO GROTIUS; Da Coleção de
 GERALD BODNER

SOCIEDADE ACADÊMICA GREENHALGH — 1976

Al Ereovaldo Birkholz Garcia Duarte

Al Carlos Eduardo Brandão de Albuquerque Alves

A S.A.G. é a entidade encarregada de reunir os alunos do Colégio Naval em torno das atividades extracurriculares, bem como organizar e associar grupos de alunos em grêmios e equipes dinâmicas, responsáveis pelas diversas realizações culturais, sociais e recreativas. Tem como propósito despertar nos alunos o espírito de iniciativa, proporcionando-lhes o aperfeiçoamento de suas tendências técnicas e artísticas, e o estímulo das realizações de trabalhos de equipe.

POR QUE SOCIEDADE ACADÊMICA GREENHALGH?

CC Padilla

Até 1975, as atividades recreativas e culturais dos alunos do CN eram concentradas nos vários Grêmios, de forma um pouco dispersa e sem maiores previsões, com "A FRAGATA" constituindo uma entidade à parte, de diretoria e verbas próprias, existindo dois oficiais com as funções idênticas de orientar Grêmios, "A Fragata" e "Baile da Âncora", sendo assim mais do que natural a necessidade da criação de uma "Sociedade Acadêmica", nos moldes das congêneres e com eleições anuais para os vários cargos de presidente, vice-presidente e diretores de Grêmios, com as diretorias eleitas apresentando programas e orçamentos para as atividades da gestão.

O nome Greenhalgh foi escolhido por se julgar que era o mais significativo, lembrando um jovem herói naval, de fácil identificação com os ideais dos nossos alunos, no primeiro patim de suas carreiras.

A 22 de outubro de 1975 foram aprovados os Estatutos da S.A.G., sendo sua primeira diretoria eleita para o ano de 1976, assim constituída:
Presidente: — Al Carvalho; Vice-Presi-



Os enjans do Grêmio de Vela são bastante utilizados pelos alunos nos fins-de-semana

dente: — Al Leonam; Secretário: — Al Angra; Prefeito: — Al Josebel — Diretores: Cultural — Al Salles; Financeiro — Al Tavares; Fotografia — Al Vieira; Vela — Al Luchetti; Caça Submarina — Al Vicente; Jogos de Salão — Al Ferreira; Som — Al Lemos; Radioamadores — Al Cláudio.

GRÊMIO DE VELA

A Vela é no Colégio Naval uma atividade da maior importância, pois, além de despertar nosso espírito marinho, é esplêndido meio de recreação e lazer. Por este motivo é intensamente praticada, seja na patescaria

dos fins de semana, ou nas competições internas e externas. Neste ano, nosso Grêmio de Vela se fez presente em várias regatas, algumas realizadas no próprio Colégio, contando inclusive com a participação de Aspirantes da Escola Naval. Foi bastante significativa a atuação dos barcos e tripulações do CN nas regatas externas, tais como no Torneio Independência realizado no Rio de Janeiro, onde conseguimos o 2º lugar na classe SNIPE, categoria JÚNIOR. Também estivemos presentes no Torneio Sul Brasileiro de Vela, de São Paulo, e na XXXI Regata Escola Naval, considerada uma das mais importantes competições de Vela do calendário brasileiro. Os bons resultados obtidos revelam o quanto nos dedicamos a este esporte, esporte do mar, e por isso mesmo de grande influência e importância na nossa carreira, que ora se inicia.

GRÊMIO DE CAÇA SUBMARINA

A Caça Submarina é outra ocupação do aluno do CN, desenvolvendo suas habilidades e o entusiasmo pelo esporte, que exige ímpeto, calma, fôlego e prudência. A localização do Colégio é privilegiada, uma vez que Angra dos Reis é considerada a melhor região do Brasil para a prática da Caça Submarina, pelas suas águas cristalinas e abundantes em peixes de toda espécie. Participamos do I Troféu Independência de Caça Submarina, e do Torneio com o late Clube de Angra dos Reis, que por várias vezes trouxe para o Brasil o título mundial do esporte.

GRÊMIO DE RADIOAMADORES

Além de servir como mais um meio de lazer aos alunos do CN, o Grêmio de Radioamadores tem também por finalidade dar-lhes um treinamento



Aspecto da regata Colégio Naval-Escola Naval

próprio em comunicações. Após tentativas realizadas a partir do ano passado, este Grêmio tornou-se realidade em 1976. Isto foi conseguido graças ao apoio dado pelo nosso Diretor, e aos esforços despendidos pelo CT Diniz, capitão do Colégio, e pelo Aluno Cláudio. Nossa estação dispõe hoje de moderna aparelhagem de rádio, o que permite alcançar os pontos mais longínquos do mundo. A potência dos



Alunos do Grêmio de Caça Submarina preparam-se para mergulhar



Na sala de Radioamadores alunos em freqüente atividade

nosso transmissor ficou comprovada no Conteste de Radioamadores "Jubileu de Prata", comemorativo aos 25 anos do Colégio Naval, em que participaram radioamadores de todo o Brasil.

GRÊMIO CULTURAL

Grças ao Grêmio Cultural o CN conseguiu um acordo com a Secretaria de Educação e Cultura, através da qual recebemos as visitas de importantes personalidades artísticas de renome nacional e internacional, tais como o pianista Jacques Klein e a mezzo-soprano Maria Lúcia Godoy.

Durante o ano de 1976 foi dado especial destaque à pintura, sendo contratado o pintor D'André, cujas

aulas ministradas aos alunos permitiram desenvolver e aprimorar seus dons artísticos. Foram organizadas duas exposições, uma fazendo parte das comemorações dos 25 anos e outra durante o período da NAE.

CORAL

A música, estando integrada ao nosso dia-a-dia, faz parte de nossa formação cultural e artística.

O Coral do CN surgiu de forma marcante neste ano de 1976, depois de algumas tentativas sem resultado durante os anos anteriores. Este nasceu graças ao entusiasmo e dedicação de alguns alunos, e também ao estímulo dado pelo Sr. Diretor. Tivemos diversas apresentações tanto no Colégio como fora, sempre sob a regência do professor Gerard B. Maxwell Galloway.

merecendo destaque a que foi feita juntamente com o Coral Jar Travassos, durante os festejos do Jubileu de Prata.

Apesar de ainda iniciante, o Coral do CN tem um futuro promissor. Às turmas que adirão, a nossa esperança de que o trabalho que iniciamos seja continuado.

"A FRAGATA" E "GINGILIM"

Uma revista se faz necessária não só pelo seu caráter informativo e cultural, mas também, e talvez principalmente, por representar a vida e as realizações de uma comunidade numa época, assim é "A FRAGATA" e o nosso jornal humorístico "GINGILIM", que

tomam importância maior a cada ano que passa. A ocupação de uma nova sala pela redação e toda uma estruturação de atividades organizada, permitiram este ano uma dinâmica de trabalho digna de realce, o que é perfeitamente demonstrável com a edição de duas revistas num só ano: A Fragata Comemorativa do Jubileu de Prata e a lançada tradicionalmente a cada fim de ano.

CONCURSO DE ORATÓRIA

Organizado pelo Al Marcelo, aconteceu em 4 de maio e teve como concorrentes os seguintes alunos: Zuccaro, Leonam, Britto, Alípio Jorge e Lucena. A banca julgadora estava composta pelo Comandante do Corpo de Alunos, CC Renato Jorge Killip Gaivão, pelos professores Álvaro e Leopoldo, pelo Presidente da S.A.G., Al Carvalho, e o Comandante-Aluno, Kimio. Dentre as dissertações expostas, o tema do Al Leonam, "A 25ª HORA", conseguiu despertar a atenção do auditório. Após terem apresentado suas explicações preparadas previamente, os candidatos sortearam os temas sobre os quais deveriam falar de improviso. Destacou-se novamente o Al Leonam. Depois de reunir-se as notas da banca presidida pelo COMCA, foi apresentado o resultado do concurso: em 5º lugar o Al Alípio Jorge, em 4º o Al Britto, em 3º o Al Lucena, em 2º o Al Zuccaro e em 1º, orador oficial da turma de 75, o Al Leonam, que fez juz à posição, devido à sua desenvoltura e boa voz apresentadas durante o concurso.

ATIVIDADES SOCIAIS

A vida social recebe especial atenção no CN. Abrindo o ano, o Baile do Calouro reuniu alunos e familiares naquele que foi o 1º encontro social de 1976. A Festa Junina além da tradicional fogueira, contou ainda com uma quadrilha, roda de samba, capoeira e o baile animado por "Big-Boy" e sua aparelhagem de som. O ponto alto foi, comemorando o Jubileu de Prata, o Baile do Aniversário do Colégio, que teve sua importância marcada pela



Momentos de disputa no torneio de jogos de salão

presença de vários oficiais, dentre os quais alguns que constituíram as primeiras turmas do CN. O Baile da Ancora, realizado no Clube Naval (Piracuruá), assinalou nosso último contato social como alunos do Colégio Naval, comemorando assim, dignamente, a formatura da turma "Almirante Saldanha da Gama".

TORNEIO DE JOGOS DE SALÃO

Promovido pela S.A.G., o torneio

interno de jogos de salão reuniu os melhores alunos em sinuca e pingue-pongue numa disputa acirrada, que fez vibrar o Salão de Jogos por mais de uma semana. O torneio, além de proporcionar momentos de alegria e entusiasmo, serviu para diminuir a tensão do fim de ano, época em que o estudo deve ser compensado com um pouco de divertimento, como requer nosso espírito jovem.



O Coral do CN se apresenta juntamente com o Coral Jair Travassos, de Angra dos Reis



Na abertura da solenidade, o Exmo Sr. Ministro da Marinha, Alte. da Esquadra, GERALDO DE AZEVEDO HENNING, passa em revista ao Batalhão Escolar

OS 25 ANOS DE COLÉGIO NAVAL

Als Araujo Costa e Gusmão

Quem visitasse o Colégio Naval entre os dias 7 e 15 de agosto, encontraria alunos, oficiais, praças e operários empenhados numa batalha diferente: os preparativos para as comemorações do Jubileu de Prata do Colégio. Podemos dizer que obtivemos êxito, pois a expectativa e comentários em torno das festividades não se limitaram à Enseada Batista das Neves, onde se localiza o CN, mas tiveram repercussão em vários partes do País, através de entidades ligadas à Marinha.

Abroindo as comemorações, recebemos os atletas do Colégio Militar do Rio de Janeiro, para mais

uma disputa nas quadras e piscinas do CN. Convém mencionar que a primeira disputa na qual o CN tomou parte foi no ano de 1951, justamente com o CMRJ, sendo esta repetida todos os anos, tornando-se, desde então, uma tradição esportiva entre as duas instituições militares de ensino. A abertura das competições foi presidida pelo General José de Albuquerque, Diretor do CMRJ, tendo sido a mesma realizada de maneira simples, devido ao fato de o Colégio estar de luto em face do falecimento na antevéspera do Almirante de Esquadra Sílvio de Magalhães Figueiredo, Chefe de Operações Navais.

Constou a competição das seguintes modalidades: futebol, atletismo, natação, vôlei e basquete. Sagrou-se campeã a equipe do CN, fazendo jus ao troféu "Jubileu de Prata do Colégio Naval".

Durante toda a semana o nosso auditório foi palco de várias apresentações de caráter artístico. Essas apresentações, segundo os próprios alunos, são de grande valia para o aprimoramento educativo e para uma melhor formação cultural. Assim sendo, domingo, dia 8, assistimos ao ar livre um concerto da Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros do Estado do



O Maestro Isaac Karabitshevsky regeu a Orquestra Sinfônica e o Coral da Universidade Gama Filho

Rio de Janeiro, sob a regência do Capitão João Batista. A beleza da música, aliada ao cenário natural do pátio externo, fazia com que naquela tarde todos fossem tomados por uma sensação de tranquilidade e descontração.

No dia 10 de agosto, os alunos mostraram o que sabem fazer em matéria de música. Naquela noite aconteceu o "Show Prata da Casa" com o Coral do Corpo de Alunos, Conjunto Musical e Charranga, além do Coral Jair Travassos, do CENIAB, de Angra dos Reis. Nota-se que apesar da recente formação e do pouco tempo disponível para os ensaios, todos souberam apresentar um bom espetáculo.

Na quinta-feira, como ponto alto das apresentações artísticas, compareceram ao nosso auditório o Coral e a Orquestra Sinfônica da Universidade Gama Filho,

sob a regência do Maestro Isaac Karabitshevsky, que proporcionaram a todos os presentes momentos de grande beleza através da boa música. Presente o Ministro Gama Filho, Chanceler daquela Universidade.

Finalizando as apresentações artísticas, a Escola de Dança ENART, ofereceu-nos um espetáculo variado, indo desde o balé clássico até o moderno, além de uma demonstração de dança espanhola. Esta apresentação foi aplaudida de pé pela plateia, tais a graça e beleza das bailarinas.





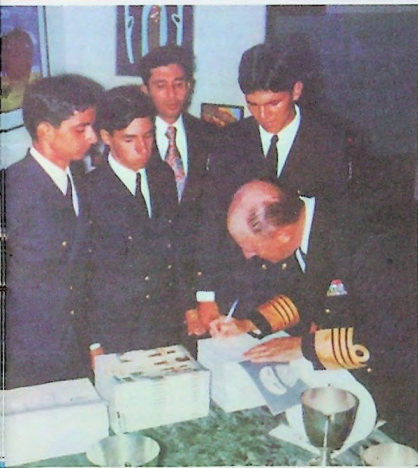
Na tarde de sexta-feira já estavam fundeados ao largo de nossa enseada o Submarino "Bahia" e o Contra-Torpedeiro "Rio Grande do Norte", que aqui estiveram prestigiando as festividades.

A CERIMÔNIA

A cerimônia militar do Jubileu de Prata do Colégio Naval, teve lugar no dia 14, sábado, tendo contado com a presença de diversas autoridades civis e militares, destacando-se o Exmo. Sr. Ministro da Marinha Almirante de Esquadra Geraldo de Azevedo Henning, o Diretor Geral do Pessoal da Marinha, Almirante de Esquadra Carlos Auto de Andrade, o Diretor de Ensino da Marinha Vice Almirante Eugênio Marques Rodrigues Frazão, e o Prefeito de Angra dos Reis Alte. Jair Toscano de Brito.

No campo de esportes estavam formados o Batalhão Escolar, os alunos da turma de 1951 e as guardas de honra da Escola Naval, do Colégio Militar do Rio de Janeiro, da Escola Preparatória de Cadetes do Exército e da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, que vieram dar um brilho especial à cerimônia. O Exmo. Sr. Ministro da Marinha chegou às 10 horas, sendo recebido com as honras de estilo, em seguida passou em revista ao Batalhão Escolar. Seguiu-se a leitura da Ordem do Dia do Diretor de Ensino da Marinha.

"São transcorridos cinco lustros desde a criação do Colégio Naval. Vivemos um dia de festa! Festa plenamente justificada quando se comemora a formação de 25 gera-



O baile da Escola de Danças Enart, também se fez presente

O Exmo. Sr. Ministro faz o lançamento da revista

A Fragata, edição comemorativa do Jubileu de Prata, às vistas dos Alunos Junger, Pontes Lima, Birkholz e do Prof. Frata



Uma vista geral da cerimônia

ções de cidadãos entregues ao serviço da Pátria. A Marinha preparou 25 gerações de jovens que hoje servem ao Brasil em todos os setores da vida nacional! A Marinha rejubila-se por ter transformado os jovens esperançosos em homens capazes e atuantes nos diferentes campos do Poder Nacional! Temos a satisfação de verificar que, atualmente, mais da metade dos Oficiais que compõem os nossos Corpos são oriundos do Colégio Naval; e que boa parcela dos cidadãos, integrantes dos campos econômico, psicossocial e político, passaram sob os cuidados e orientação do Colégio Naval.

O estágio atual que nos encontramos é o resultado de 25 anos de desdobrados esforços. De fato, são decorridos 25 anos de lutas e sacrifícios que asseguram ao Colégio Naval o elevado conceito de

órgão formador de cidadãos conscientes de suas responsabilidades. A demonstração tácita dessa verdade é a procura crescente por parte da nossa juventude desejosa de servir à Marinha através do Colégio Naval. O Colégio Naval forja essa juventude entusiasta dentro do tradicional espírito naval e dá-lhes a mais pura das temperas ao desenvolver, intensamente, os princípios de moral, honra, civismo e patriotismo. O destino natural dos alunos é galgar a Escola Naval, em busca da carreira ascendente até aos mais altos postos da hierarquia naval. Entretanto, aqueles que deixam de seguir esse rumo tomam outras direções que, da mesma forma, os levarão à glória, pois acumulam cabedal suficiente para vencer. Assim, todos os ex-alunos do Colégio Naval tornam-se credenciados para serem vitoriosos e con-

correrem para o engrandecimento permanente e incessante da Pátria Brasileira."

(trecho condensado da Ordem-do-Dia nº 0017/76 do DEnsM)

Após a leitura da Ordem-do-Dia, foram entregues as medalhas do Mérito Tamandaré ao Professor, decano do Colégio Naval, José Edson Pereira e a seis alunos da primeira turma desta Instituição de Ensino, hoje Oficiais: CMG Paulo Roberto de Matos Reis, CF Domingos Pacifico Castello Branco Ferreira, CF Renam dos Santos Silva, CF Jorge Cardoso de Mendonça, CF Sérgio Loures da Costa e CF Arnaldo da Oliveira e Silva.

Na ocasião discursou o Alte. Francisco Duque Guimarães, Vice-Diretor do Colégio Naval em 1951 e seguir todos os presentes

cantaram o Hino do Colégio Naval. A cerimônia terminou com o desfile do Batalhão Escolar, dos ex-alunos e das guardas de honra, em continência ao Exmo. Sr. Ministro da Marinha.

Ao término da cerimônia, foi feito, no Salão Nobre, o lançamento da revista A FRAGATA em edição especial, comemorativa do Jubileu de Prata, simultaneamente com a abertura do Salão de Arte e mostra fotográfica retrospectiva, e em seguida foi servido a bordo do saveiro Cruzmar um coquetel às diversas personalidades presentes. Houve também a entrega de medalhas comemorativas do evento àqueles que integraram o Corpo de Alunos em 1951.

A noite realizou-se no Salão de Festas o Baile de Gala, que contou com a presença de grande número de convidados, entre Oficiais e familiares de alunos.

Domingo, pela manhã, foi realizado culto ecumênico, em ação de Graças ao Aniversário do Colégio, lançamento, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos do carimbo alusivo à data e duas provas rústicas esportivas: uma natatória e outra terrestre, contando com a participação de vários alunos. Finalizando todos os festejos, um Conteste de Radioamadores, tendo este iniciado às oito horas com grande animação por parte dos alunos que dele tomaram parte, ao divulgarem o Colégio Naval para todas as regiões brasileiras.

Foi-se uma semana de comemorações. Aos poucos o Colégio volta à sua vida normal. O prédio austero continua impassível ao passar dos anos. Tornamos para o presente, para esse dia-a-dia a que já nos habituamos, vivendo num mundo de sonhos em busca de novos ideais. Agora que tudo passou, só nos restam as lembranças, a saudade. E rezamos para que o futuro abrigue com a mesma generosidade, com que foram recebidos os alunos do Colégio Naval destes 25 anos passados, os jovens das gerações que de hoje para o infinito por aqui passarão.



O Alte. Francisco Duque Guimarães, Vice-Diretor do CN em 1951 discursou relembrando sua época



Professor José Edison Pereira, Decano do CN, é condecorado pelo Vice-Almirante Eugênio Marques Rodrigues Frazão, com a "Ordem do Mérito Tamandaré"

VIAGEM DE INSTRUÇÃO

Al Birkholz



O dia amanhecera nublado em Angra. Em nossas faces pairava um clima de ansiedade e uma certa agitação. Sentíamos-nos, porém, alegres: iríamos embarcar para nossa viagem de instrução, viver nossos primeiros dias de mar.

Lá estava o "Duque de Caxias", Majestoso, nos esperando fundeado ao largo da Escada Batista das Neves. Assim que embarcamos, o Comandante do navio, **CRA Roberto Gama e Silva** nos recebeu com algumas palavras, após o que deixamos a Baía da Ilha Grande rumo a

Vitória. Ao passarmos pelo Rio, deveria juntar-se a nós o navio da Força de Transportes "Barroso Pereira" e que iria participar ao lado do Navio Desembarque de Carros de Combate "Duque de Caxias", na operação "Romike" que significa em termos sucintos "requisitos mínimos", e consistia em um desembarque anfíbio de tropas de fuzileiros navais, transportados a bordo do "Barroso Pereira". O "Duque de Caxias" participaria realizando uma abicagem em uma praia nas proximidades de Guarapari.



O NDCC "Duque de Caxias"
abacou na Praia de Itaoca, no litoral caxiense.
Abaixo, detalhe da abacagem



Ao amanhecer, o “Barroso Pereira” já navegava ao nosso lado, o céu estava encoberto e o mar um pouco agitado, o que fez com que aquele sábado fosse um dia angustiante e de muito enjôo a bordo. De fato, nós não estávamos preparados para enfrentar as vagas, que faziam as bandejas do rancho deslizarem para um lado e para outro da mesa. Mesmo assim, os curiosos alunos atravessavam o convés, subiam ao passadiço, iam à proa ensaiando os seus primeiros passos marinheiros. Neste dia, a parada foi realizada no Tank-Deck do navio, e o balanço deste, acrescentado à ausência de ar puro no compartimento, impediu que vários alunos parassem em pé na formatura. Logo após, iniciou-se o nosso adestramento, ficando a turma dividida em grupos os quais assistiram à aulas e palestras, melhor aproveitadas por aqueles que conseguiram não marear. A noite chegou e ficou caracterizada pelo mar grosso e por um tambor que rolava no Tank-Deck, num total compasso que dormimos repetindo mentalmente o momento exato em que ia bater na antepara da nossa coberta.

Quando subimos ao convés na manhã seguinte, o “Duque de Caxias” já estava na enseada da praia de Itaoca, próxima a Guarapari, local onde seriam realizados os exercícios anfíbios. Apesar do céu continuar nublado, o mar estava calmo e tranqüilo e

nós pudemos acompanhar cuidadosamente todas as fases das operações, desde a saída dos mergulhadores de combate, que fizeram o reconhecimento da praia, até os exercícios efetuados pelas EDVPs (Embarcação de Desembarque de Viaturas e Pessoal) do “Duque de Caxias” e do “Barroso Pereira” que conduziam tropas de fuzileiros navais. Esses exercícios tomaram toda a manhã do domingo de modo que a parte a que aguardávamos ansiosos estava reservada para a tarde, ou seja, a

abicação do “Duque de Caxias” em Itaoca. Após o almoço ficamos aguardando o momento da abicação e que ocorreu por volta das 15 horas; o navio se aproximava lentamente da praia causando-nos uma sensação que nunca havíamos experimentado antes, o castelo de proa estava repleto por aqueles que queriam apreciar mais de perto o momento em que o navio iria encostar o casco chato na areia. Após a abicação o comandante nos concedeu 45 minutos de banho na praia, e que foram aproveitados intensamente. Era como se estivéssemos festejando com muita alegria o êxito de uma tarefa delicada e difícil de executar. Ao entardecer o sol caía vermelho por detrás das nuvens e nós nos preparávamos para levantar os ferros. Vitória nos esperava.



Quando de volta da viagem os Alunos formaram no convés, as iniciais do Colégio Naval



O embarque em Vitória, após a visita ao Porto de Tubarão

Todo mau tempo e céu nublado que nos acompanharam durante a ida foram totalmente compensados pela manhã de sol radiante que brilhava sobre Vitória e que fazia com que o mar ganhasse um azul incrível. Isto nos proporcionou momentos inesquecíveis na capital dos capixabas, já que pudemos conhecer os recantos mais pitorescos da cidade, bem como seus monumentos históricos, muitos dos quais guardam datas do Brasil-Colônia. A manhã do nosso segundo dia em Vitória foi tomada com um visita ao porto de Tubarão, o maior terminal de exportação de ferro do mundo. Durante à tarde e à noite, aproveitamos para nos despedir da cidade, pois suspenderíamos à alvorada do dia seguinte. Vitória, ainda adormecida deixava em todos um ponto de saudade.

A quarta-feira de volta era de mar calmo e o sol que nos acolheu em Vitória não nos abandonaria mais até as proximidades do Rio. Continuavam as nossas instruções, nossas aulas à bordo e o tempo estava de tal forma tomado que nem pudemos acompanhar um exercício realizado por mergulhadores de combate numa praia próxima a Guarapari, local onde em outubro deste ano foi realizada a "Operação Dragão". Aquele questionário que recebemos após o almoço fez com que corrêssemos por todos os cantos do navio e lotássemos a sala de Controle de Avarias e da

Estação-Rádio para responder às perguntas que abrangiam assuntos de Arte Naval, Navegação e Comunicações. À tarde tivemos uma folga, e o sol que caía nos convidava a permanecer no convés onde foi feita uma demonstração de explosivos, a qual assistimos com muita curiosidade. À noite navegávamos num mar de almirante, com uma bela lua a iluminar nosso caminho.

Finalmente, o último dia, e agora restava-nos aguardar a chegada ao Rio. Enquanto as nuvens escondiam o sol, nós subíamos ao tijupá para de lá, ou qualquer outro lugar do navio ver surgir o Corcovado ou o Pão-de-Açúcar. Enquanto o "Duque de Caxias" entrava mansamente pela Baía de Guanabara, nós projetávamos em seu convés uma formatura com as letras CN; isto nos valeu um elogio do comandante que nos deu "Bravo Zulu" pela iniciativa. Ao encostarmos na ponte do Corpo de Fuzileiros Navais da Ilha do Governador, o Comandante Gama e Silva nos dirigiu algumas palavras de despedida. Parte da nossa turma desembarcou ali, e o restante dela no pier da Praça Mauá, onde a presença de familiares e amigos à nossa espera, veio acrescentar uma alegria ainda maior na volta ao lar. Terminava nossa instrução, nossa correria pelo convés, nosso enjôo, nossa viagem, pequena viagem, da qual não haveremos de esquecer nossos primeiros dias de mar.



UMA GOTA DE BELEZA

de Austregésilo de Athayde — presidente da Academia Brasileira de Letras — Especial para "A Fragata"

Lançou-se, falsamente, a notícia de que a poesia morrerá, como antes, há quase dois milênios, fora anunciada a morte do Grande Pan. Ambos são, em seus símbolos, encarnações do gênio humano e assim são imortais. Enquanto houver sentimento e fantasia, o que equivale a dizer enquanto houver homens, a imaginação criadora buscará, como está escrito no Fausto, desdobrar suas asas no infinito, sonhando com a eternidade. A poesia, em suas mil maneiras de exprimir-se, acompanha o homem do berço ao túmulo e se são poucos os que a fixam nas artes, não há nenhum que tenha atravessado a vida sem um momento poético.

Perguntam-me se no Brasil se pode dizer que a poesia está decadente e eu responderei que não. As gerações mais novas, falemos da que está surgindo depois de 1965, ou seja, a segunda pós-modernista, vai cumprindo o seu destino, de começo em puros ensaios, mas não tardará que se firme com grandes figuras, como aconteceu com a primeira, na qual ilustres nomes como os de João Cabral de Melo Neto, de Léo Ivo e outros, todos dignos de menção pelo valor da sua mensagem poética. Clássicos, românticos, parnasianos, simbolistas e modernistas do ilustre grupo saldo da Semana de Arte Moderna, de São Paulo, trabalharam na Seara deixando nela imperecíveis marcas de beleza. Os de hoje não serão menores do que os de ontem e os de amanhã continuarão a messe espiritual que tanto honra a cultura do Brasil.

Os problemas angustiosos do nosso tempo, tantos deles de ordem puramente material, não esterilizam as fontes geradoras da poesia. Por vezes contribuem para ampliar os seus horizontes e torná-los mais belos. Os poe-

tas revestem-se da condição de testemunhas do seu tempo, como foi Homero ou Dante, Camões ou Shakespeare. São profetas-vates como eram chamados porque adivinhavam o futuro e abrem aos povos caminhos gloriosos. Acompanham com a sua inspiração estimuladora os efeitos das nacionalidades que se nutrem dos seus poemas, os quais sobrevivem ao seu destino como Vergílio à Roma, Píndaro à Grécia, eles sim monumentos de civilizações que deixaram de existir, mas que na verdade são mais perenes do que o bronze. Tomem estas minhas palavras como incentivos aos que sentem em si a flama ainda que fugaz da poesia e deixem por temor ou puro respeito humano de passar ao papel o estro que cada homem traz dentro de si, sendo congênito com a sua alma. Em poesia nada se perde, pois que quando não tenha altitude e duração para os outros, terá sido um consolo e um desefogo para o seu autor. Será sempre uma gota de beleza que constitui como disse Keats, uma alegria para sempre.

"A thing of beauty is a joy forever."

CONCURSO LITERÁRIO

HARMONY*

Al Sérgio Marola Junger
1º lugar concurso de poesias

Da escuridão da madrugada,
De repente, o ar pareceu se encher de luz
O sol vinha brotando, doirando o horizonte
Nas árvores, os pássaros ensaiavam seus cantos,
Um canto bonito, de sons variados,
Um canto de paz.
Agora vêm voando, alegres, brincando
Em movimentos rápidos,
Parecendo crianças tal sua graça,
E enquanto os homens ainda dormem
Os pássaros fazem a algazarra mais cheia de vida
Que se pode ver em todo esse mundo.
E parecem agradecer a Deus por mais um dia,
Por mais um céu azul que suas asas vão alcançar.
E o Pai sorri,
E sabe que, enquanto os pássaros Cantarem felizes o dia que nasce,
É como se nascesse também em cada coração
A esperança de que possamos viver um dia de paz,
Num mundo de paz.

* Escrita a 1º de outubro de 1976, dentro de um autêntico cenário naturalista, às 5 da manhã.

SINA

Al José Eduardo Maluf Pereira
1º lugar concurso de crônicas

Quando seus olhos se abriram e, pela primeira vez, ele pôde ver, eu pensei: Esses olhos só verão o que há de bom para se ver. Verão somente o sorriso de uma criança, uma rosa a desabrochar, um pôr-de-sol em uma tarde quente de verão.

Quando seus ouvidos deram sinal de perfeitos e, pela primeira vez, ele pôde ouvir, eu pensei: Esses ouvidos só ouvirão o que de melhor há, nesse mundo, para se ouvir. Ouvirão somente a música doce de pássaros felizes, o farfalhar do capim ao sabor dos ventos, uma palavra de amor dita baixinho.

Quando sua boca se abriu e, pela primeira vez, ele quis falar, eu pensei: Dessa boca só se ouvirá o que de puro existe no mundo. De lá só se ouvirão palavras de amor e felicidade, frases sinceras de consolo, sussurros ou sorrisos.

Quando, pela primeira vez, vi sua pele morena, pensei: Essa pele só será tocada pela brisa leve do campo, pelas mãos do amor, pelos pés delicados de um passarinho.

E pensei. Pensei em como meu pai também pensou tudo isso para mim e pensei também, principalmente, em como tudo isso falhou. Antevi aquela vida que se tornaria igual a minha, igual a todas as outras que já houve. Pensei em seus olhos congestionados por fumaça, crime e miséria;

pensei em seus ouvidos estourando com os gritos angustiados de homens que se afundam cada vez mais em abismos que eles mesmos aprofundam; pensei nas mentiras que será obrigado a dizer, para que possa sobreviver; pensei em sua pele delicada, dilacerada pelos espinhos que o homem plantou, ferida pelas granadas que ele dispara, arranhada pelas unhas afiadas de uma morte que sempre o acompanhará.

E chorei, não pelos homens, mas pelo nascer de uma nova criatura que, como todas as outras, pagará pelo mal de homens que nem mesmo conheceu.

CONCURSO LITERÁRIO

AGONIA

Al Adelson Silva Lucena
1º lugar concurso de contos

As moscas faziam seu carnaval perante a mesa suja do dia anterior, algumas jaziam num papel vermelho posto sobre o armário, e fitando essa quadro alegre um homem triste de nome Arnaldo, amarratado e barba por fazer, meditava, se se pode dizer que a solução para aflição humana perante o fato é meditar. No seu cômodo único nada de anormal para seu status, algumas cadeiras fora do lugar, o chão por varrer, um radinho de pilha, o escudo do seu outro sofrimento e o santo guerreiro com duas velas. Às vezes chorava, mas porque chorar se o porquê desse penar já havia sido consumado, nunca tinha feito aquilo, foi apenas sem querer. Ligou o rádio pra ver se já tinham descoberto, mas só ouviu o locutor da Hora do Brasil anunciando e analisando os efeitos do produto humano sob críticas cruéis. Desligou. Pra que ouvir notícias do seu país se daqui a algum tempo aquela não seria mais sua pátria, seu invólucro. Resolveu gritar, desafogaria dessa maneira a verdade enterrada em si mesmo. Ninguém ouviria, calou-se antes do brado. Saiu. No portão veio lambê-lhe as pernas o vira-lata, que criava a base da água e carinho, deu-lhe um chute nas costelas que apareciam e, dobrando a esquina, ainda escutava o lamento do pobre cão. Sua dor era maior. Caminhou umas duas horas e não mais que sangue havia em seu olhar, um olhar seco e degradado de quem andou horas num deserto sem oásis. Parou, olhou, o céu por chover. Não se conteve, banhou-se em lágrimas novamente. Homem não chora disse a si mesmo, homem fuma e esquece, acendeu seu pe-

núltimo cigarro sem filtro, deixaria o outro pra depois, não saberia quando o fumaria. Tragou com prazer e a amplidão de um rei, sentiu no meio-fio colocando a cabeça entre as pernas magras e musculosas. Vomitou e se sentiu mais à vontade; passavam carros que aumentavam tanto o barulho da avenida, que por instantes pensou estar no inferno. Levantou-se com o gosto de bilis na boca. Caminhou.

O acidente havia ocorrido de manhã. Ao acordar lavou o rosto, bochechou e saiu para arranjar café no boteco, tentar mais um voto de confiança e fiança do português que há muito já não era tão seu amigo devido a briguinhas por ele mesmo provocadas. Conseguiu seu desjejum. E foi nesse vaivém que reencontrou sua Maria, tinha-a deixado contava aos poucos amigos que ainda restara, a verdade não era essa. Ela já não tinha prazer em sua companhia, a vida monótona e vazia de cama e fome que levaram, havia ferido aquela musa. E foi de tanto insistir e persistir que conseguiu um bate-papo no barraco dela agora um pouco melhorado, esqueceu a procura do batente, o dia-a-dia e viu-se em casa de Matilde conversando, uma conversa em que ela não participava, não a deixava falar e só calou-se ao ver um homem a quem logo foi apresentado como marido. Não sabia do entretanto, a culpa era sua, amordaçara sua

ex-amante com insistências. Perdeu a cabeça e pôs as mãos em voz alta. A luta oral logo se transformou em corporal, só terminando ao ver seu adversário sentimental esvair-se em sangue e debatendo-se aos gritos e olhos de Matilde. De lá pra cá vegetou, nunca tinha roubado a vida de um homem nem tampouco de uma mulher, elas sim já o tinham matado há muito.

Viu um bar, tentou entrar mas não deixaram, tal era sua situação física e mental refletida em seu corpo e rosto. Entrou num outro menos formal e encontrou um amigo, viu-o de longe, mas não quis aproximar-se, preferiu não beber a pedir. Algumas mesas estavam cheias de garrafas não tanto vazias, aproveitou o descuido do rapaz que servia e entornou até a última gota, bebeu tudo e de tudo. Foi ao banheiro e aquele cheio de restos humanos quase o faz transbordar novamente. Saiu dessa vez e não mais entrou em nenhum. Procurou algum lugar bem calmo e escuro onde se pudesse ver as poucas estrelas que ainda aconteciam misturadas com nimbos terribes, um desses lugares bem tranquilos onde os namorados se amam. Já se iam duas horas da madrugada e o ar ainda frio e úmido transformando medos e sonhos. Deitou-se na grama. Filososofo sem saber.

O que faz do projeto humano virar metade? A compaixão do próximo? Uma morte, um nascer vale tanto quanto lhe dão importância? Uma mulher não merece ser a próxima, tão em moda dos mortais; a vida sim, ela vale a pena correr o risco de não mais tê-la para salvar a do seu irmão. A morte fez pesar sua cabeça, que seu corpo lânguido já não aguentava. Que suplício cruel estaria com ele convivendo, a agonia de ter com que se debater é pior que um amor mal correspondido. O interessante de ver as estrelas brilhando é o perfume de ter a consciência livre quando mais se precisa delas.

Ficou observando por alguns minutos dois horrendos sapos que se entretinham com um verme. Não tinha noção do tempo agora, se sentia leve, mas sabia que quando o dia raiasse e as pessoas comessem a tagarelar, novo teto desabaria. E o cachorro? E o café? Adormeceu para não antecipar a solidão. Sonhou estar tendo um pesadelo, mas sentiu o prazer de acordar no sonho e ver que nada tinha da real. Novo sonho, novo prazer, um cavalo lhe amedrontando o caminho. Ele agora era um touro e fez fugir o equino louco. Se o matasse, acordaria dos sonhos e a realidade diria bom dia.

Despertou com uma fome de cão, talvez maior que a do seu vira-lata, mas quanto mais as pessoas miravam, a fome dava lugar a outra virtude sua, o solter. Viu notícias num jornal ao chão, tentou ler seu nome em alguma parte, ficou desapontado ao ver a data. Se tivesse lido há três dias aquelas páginas já sujas com fogo n'alma, não acreditaria. A febre vai e vem e não se sabe de onde vem. Meteu as mãos no bolso, um estava furado, no outro um vazío e um cigarro estarelado. Havia deixado pra fumar depois e não fumou. Iria entregar-se à polícia? Voltar pra casa? Suicidar-se? Procurar outra para amar? Que fariá? Quão desorientado estava que quase um ônibus passou-lhe sobre o corpo franzino. Xingou o motorista, ele não ouviu, desistiu. Iria voltar pra casa, a cabeça em pé, o coração deitado e a alma... e a alma? Onde estaria ela nesse momento? Pensou que fosse lhe deixar ao ter uma vertigem, besteira. Agora se sentia bem mais solto do que ontem à noite, a negridão do tempo escurece até os pensamentos, faz se ter uma outra visão do inesperado. A casa estava lá, o cachorro também, só que não com a mesma alegria, não com a mesma magreza, mas com os ossos e o sangue transtornando seu estado de espírito. Aquele sangue lhe dava forças, estáticas, mas forças. Não o tinha matado, viu ainda um pedaço de carne ao seu lado e um outro a sua boca, teve uma ligeira vontade de apanhar, conteve-se e refez-se do medo de ter-se tornado assassino mais uma vez.

Só fez entrar e escutou a sirena conhecida dos culposos, agiu rápido, trancou-se e observou o carro parar e descer homens armados, entrando em seu portão e vendo o cachorro envolto de terra e sangue. Parece-lhes ter irado mais. Eles se iram facilmente. Não achava justo ser preso, não merecia apenas aquilo. Ouviu um tiro e um chamado. Lembrou-se que ainda não tinha tomado café. Suas idéias não se encontravam. Desesperado e acorrentado no casebre humilde olhou a lâmina sobre a mesa, pegou-a e gritou:

— Rendo-me seus porcos.

Abriu lentamente a única porta da casa e se deteve durante alguns segundos olhando para os homens supridos de armas e músculos. Suava agora. Levantou a mão sobre a cabeça e desfechou um golpe na própria barriga rasgando tudo que encontrava, tudo que lhe resistisse à força. Suas feições eram um misto de dor e alívio, havia tornado a alma bem pequena. E nessa hora sob o olhar não tanto estupefato dos cumpridores da lei, disse apenas:

— Ah! Que agonia...

Foi-se e não mais voltou.

Dois guardas ficaram-lhe velando o corpo para que a multidão não o importunasse. O restante entrou no carro para buscar a pericia. Apenas estranharam um fato: por que se matar? Ferir um homem não é crime para tanto.

A HIDROGRAFIA VISTA PELO HIDRÓGRAFO

Al Helio Geraldo Pacheco de Magalhães

Texto feito da entrevista realizada com o Almirante-de-Esquadra (RRm) Levy Penna Aarão Reis.



Almirante de Esquadra Levy Penna Aarão Reis

Foi o Almirante Levy o convidado a falar sobre a Diretoria de Hidrografia e Navegação, quando da cerimônia comemorativa do Centenário da organização. Daí considerarmos valiosa a sua contribuição no artigo que homenageia a DHN em seu aniversário. S.Ex.a nos recebeu em sua residência, no Rio de Janeiro, e nos deu a entrevista da qual condensamos o texto a seguir.

Iniciou sua carreira na Marinha em 1923, quando ingressou na Escola Naval. De lá até 1971, quando se reformou, teve importantes cargos e funções. Seu primeiro comando foi o do Navio-Monitor *Parnaíba* durante a II Guerra Mundial, fazendo a patrulha da costa brasileira. Destaca-se também no comando do antigo Navio-Escola *Almirante Saldanha*. Chefiou a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. Foi Chefe do Estado-Maior da Armada, Diretor da DHN, Diretor da Escola de Guerra Naval, e, como última função, foi Secretário-Geral da Marinha.

Lembra que a profissão de hidroógrafo, propriamente dita, só surgiu em 1931, com o novo regulamento das especialidades. Havia na época uma insuficiência de material para cobrir as

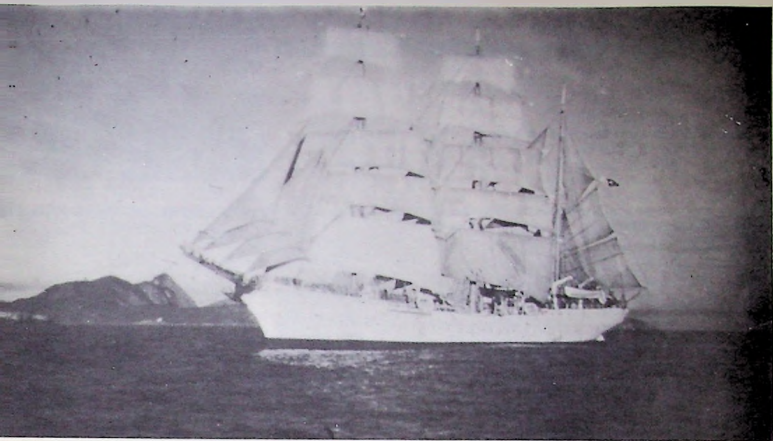


O sinete da DHN

necessidades do serviço de hidrografia. Os navios usados eram os da Marinha de Guerra adaptados para os serviços de levantamento. Entretanto, neste mesmo ano, surgiu o *Floriano*, navio pequeno e movido a carvão, que veio suprir um pouco dessas necessidades. Em 1954, o Navio-Escola *Almirante Saldanha* realizou sua última viagem de Guardas-Marinha. Como as viagens que o navio passou a realizar depois eram, até certo ponto, de pouca importância, o Alm. Levy, quando Vice-Diretor da DHN, por intermédio do próprio Diretor, pediu que ele fosse destinado à Hidrografia. O EMA cedeu o navio, que fez diversas viagens oceanográficas

com material improvisado. Em 1964 é que foi equipado devidamente, e continua em serviço até hoje.

Na opinião do Alm. Levy a escolha da especialização por um oficial é feita sem que ele tenha, na maioria das vezes, um conhecimento prático do curso. Geralmente quando o oficial opta por uma especialidade, não tem uma noção correta do que ela representa. Quando foi servir no Encouraçado *São Paulo*, sua vontade, logo no início da carreira, foi de ser encarregado de navegação do navio. Mais essa vontade era justificada "porque o oficial de navegação fica sempre no pas-



O Navio-Escola Almirante Saldanha, um pouco antes de ser transformado em Navio-Hidrográfico

sadiço, junto com o Comandante, pois o sonho de todo oficial é justamente o de ser o Comandante do navio. E não há outro lugar onde ele possa se sentir como tal, quando embarcado”.

“Os equipamentos com que contamos, no início, sempre foram os mais simples possíveis. O recurso mais utilizado para se medir profundidades era o prumo de mão. Já existia o ecômetro, mas a Marinha só o possuía no submarino *Humaitá*.” Um exemplo da precariedade é que os navios hidrográficos só possuíam agulha magnética, não tinham a giroscópica. Era utilizado também um novo equipamento chamado rocega hidrográfica, ou cabo varredor, de funcionamento análogo ao do cabo varredor de minas. Este cabo era utilizado para saber se não havia nenhuma pedra que houvesse escapado às sondagens, para assegurar que naquela profundidade um navio com determinado calado poderia passar com toda segurança. “O Comandante Nogueira fazia questão de usá-lo sempre.” Mas no fim a eficiência acarretava outras coisas: a despesa era grande e a operação demorada, o que significava que para produzir uma carte leva-

va-se bastante tempo. Nos navios os equipamentos básicos de hidrografia eram: o sextante e a tábua de logaritmos — depois a Marinha encomendou os quintantes. Utilizavam-se os teodolitos, do padrão Kern, os cronômetros clássicos ou o sinal horário, “que por sinal foi uma boa ajuda para a navegação na época”. Os sinais horários eram transmitidos diariamente, pelo Observatório Nacional, exceto aos domingos. “E muitas vezes aconteceu que a noite boa para se observar estrelas caía no domingo, e fazia muita falta o sinal horário.”

Não havia um navio propriamente hidrográfico, nem instrumentos que pudessem dar o maior rendimento possível nas operações. A idéia do navio próprio veio com o *Rio Branco*, navio velho comprado pelos revolucionários de São Paulo, ao Canadá. Ele somente chegou ao Brasil depois que a Revolução havia terminado, e então foi para a DHN. Foi preciso adaptá-lo: o navio acabou ganhando um ecômetro e duas lanchas hidrográficas.

A tendência de se fazer os maiores gastos sempre foi para o armamento, mas em 1958, especial para a hi-

drografia, foram adquiridos ao Japão os navios *Sirius* e *Canopus*.

Na opinião do Almirante, jamais a hidrografia ficará estagnada. Em cada época se acentuam em maior grau as necessidades de precisão nos levantamentos. Cada época tem o seu padrão de precisão. Por exemplo, cita que, há 50 anos atrás, os calados tinham, em média, 8 m de profundidade, hoje já se alcança a casa dos 40 m, então é necessário perfazer uma melhor exatidão nas pesquisas hidrográficas. E acrescenta que em qualquer lugar da Marinha, independente da especialização do oficial, seja ele submarinista, de máquinas, de armamento ou hidrografo, é necessário que ele seja, antes de tudo, marinheiro. Que saiba dar valor às coisas do mar, à marinaria, e que respeite as tradições que só se pode encontrar nos verdadeiros homens do mar. “Algum dia, quem sabe, esse oficial encontrará problemas nos modernos equipamentos eletrônicos de seu navio, e não poderá deixar de recorrer a antigos conhecimentos para suprir essas falhas, conhecimentos que sempre estão ligados às tradições marinheiras.”

ESPORTES

Al Antonio Reginaldo Pontes Lima Júnior
Al Helder Chaves Martins



Trofêu Eficiência — a chegada nos 100 m rasos

As atividades esportivas do CN ganharam brilho particular em 1976 — merecendo maior preocupação, nossa vida esportiva passou por diversas modificações, por exemplo: construção do edifício anexo ao ginásio, passo importante para uma melhor estruturação e organização, a sauna, novidade que surgiu este ano servindo aos Alunos um melhor preparo físico, o ginásio, reformado e embelezado pelo nosso imponente escudo, estilizado na sua quadra central. Vários foram os fatores que nos fizeram sentir uma atenção especial, prestada pela direção do Colégio.

A infra-estrutura esportiva que o CN mantém não é só para o nosso benefício — anualmente, uma extensa programação de jogos e atividades é planejada envolvendo ci-

vis e militares de Angra e Municípios vizinhos. Uma das atividades mais importantes, a Taça Colégio Naval, reúne oficiais e praças que aqui servem na disputa de várias modalidades; e no mês de janeiro, já é tradição o CN abrir suas portas e transformar-se numa alegre colônia de férias para crianças. Assim o CN colabora com a vida social de Angra numa parcela recreativa e sadia.

TREINAMENTO FÍSICO-MILITAR

Lembramos perfeitamente de nossa semana de adaptação — acostumados à tranquila vida civil, estranhamos o regime que logo de início nos impuseram: exercícios físicos, ordem unida, flexões... Apesar de algumas vezes as dificuldades parecerem alcançar o limite,



III MERC-NAV — os atletas do CN desfilam frente ao troféu



conseguimos nos adaptar. Mais tarde veio a recompensa: trocamos nosso corpo franzino por uma resistência e desenvolvimento físico invejáveis.

Durante esses dois anos da nossa formação, a rotina de treinamento físico não foi a mesma da semana de adaptação, as aulas tomaram boa parte de nosso tempo. Ainda assim, os exercícios físicos persistiram invariavelmente por todas as tardes — as turmas de "Bº tempo": Alfa e Bravo (os mais favo-

recidos), Charlie e Delta (os "permeados"); da "escamação" vinha o temor às provas físicas que cobravam impiedosamente nossos esforços. Certamente muitos não se esquecerão das tardes monótonas que passamos correndo, nadando, nadando, correndo...

HOMENAGEM: "ARRETIRA A CAMISETA".

Às vezes esse tempo nos assusta, sai engolindo horas, dias, anos... Antes que ele nos tire a

vida e leve toda a alegria marcada de momentos raros, deixamos aqui um deles, comum a todos nós que vivemos nesta Angra dos Reis uma parcela de nossa existência.

"Arretira a camiseta"

"Todo mundo embaixo, o último é meu..."

É, é o Messias mesmo. É dele que daqui a pouco nos lembraremos com saudades.

Ele nasceu em Almino Afonso, no interior do Rio Grande do Norte. Com 17 anos veio para Natal tentar



ESPORTES

a vida com 4 outros companheiros. Sabendo que as inscrições para a Escola de Aprendizes de Marinheiros estavam abertas, viu que o seu destino era mesmo aquele. Prestou concurso, não conseguindo aprovação na primeira vez, passou com boa colocação no ano seguinte.

Concluído o curso veio para o Rio, onde serviu na Base de Submarinos, no CIAW e na Base Aeronaval de São Pedro da Aldeia. Voltando para Natal, agora como marinho formado, serviu na Base Naval local. Foi chamado para fazer o Curso de Instrutores de Educação Física, curso que iniciou em 1965 e concluiu em 1967, quando foi designado para o Colégio Naval.

Depois de ter sido promovido a Cabo e estudar mais um pouco, foi a Sargento aqui em Angra. Em 69 ia se casar e deu um convite a um Aluno — foi o bastante para que todo o Corpo de Alunos soubesse: ganhou tantos presentes que não coube numa sala de aula. E a noite, na festa, todos compareceram para tomar um "chopp", dando aquela despesa ao noivo.

Sua especialidade é o treinamento físico. Domina uma turma tranquilamente usando psicologia própria, que adquiriu nos seus 9 anos de instrutoria. Sabe perfeitamente quando um Aluno está doente ou se "escamando". Para ele o aluno do CN é um misto de aventureiro e "mazoca". Atualmente é encarregado do Pául de Esportes e das turmas "Bravo 2" e "Echo".

Gosta muito do CN pois aqui tem oportunidade de pôr em prática tudo o que aprendeu na Escola de Recife e o que veio aprendendo onde serviu. Tendo acompanhado 9



Proclamação de Companhia vencedora — Gustavo, Comandante-Aluno de 2ª Cia, exibe o troféu

das 25 gerações de futuros Aspirantes, o nosso Messias já participou de quase todas as atividades do Colégio, o que lhe falta mesmo é acompanhar uma turma na viagem de instrução dos Guardas-Marinha.

Considera o nível dos treinamentos ideal, pois o aluno é, antes de mais nada, um estudante que pratica esportes e não um atleta que estuda, considerando ainda os deveres militares que todos têm somado ao alto padrão de ensino do Colégio Naval. Para mais uma turma que lhe vai ficar gravada, ele diz: "é muito importante se saber o que quer", e deseja para nós, do

Jubileu de Prata, que sejamos felizes ao longo de nossas carreiras e que a paz e o bom senso nos una.

EFICIÊNCIA

O importante é competir. Com este espírito, muita luta e esperança de vencer, as quatro companhias componentes do Batalhão Escolar disputaram o Eficiência 76. Única de caráter interno, a competição surgiu em 1953 — sendo uma das mais tradicionais do CN. Um atleta grego simboliza nosso Troféu, no seu pedestal são fixadas anualmente pequenas placas alusivas às companhias vencedoras, imortali-

zando assim os esforços daqueles que lutaram pelo brilho de suas companhias.

RETROSPECTIVA DO EFICIÊNCIA

- 2ª Cia — dez vitórias
- 1ª Cia — cinco vitórias
- 5ª Cia — quatro vitórias (extinta)
- 3ª Cia — três vitórias
- 4ª Cia — duas vitórias

No total são dez disputas que se desenvolvem no decorrer do ano letivo. Novamente quem fez jus ao

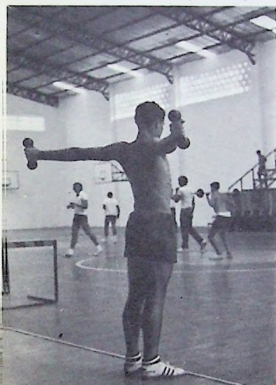
Atletismo — Logo no início do ano desportivo é que esta competição se desenvolve, por isso suas marcas não são muito significativas — no cômputo geral a 1ª Cia somou mais pontos; nas provas, os campeões foram:

- Revezamento 4 x 100 m** — Als Maia, Villas Boas, Menezes e Hildo (2ª Cia)
- 400 m rasos** — Al Angra (4ª Cia)
- 100 m rasos** — Al Gonzaga (1ª Cia)
- 800 m rasos** — Al Martins (3ª Cia)
- 3.000 m fundo** — Al Men-

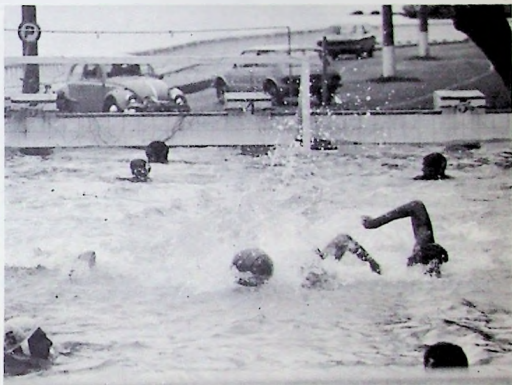
ficou com o Al Gustavo. E nos revezamentos as equipes campeãs foram: 4 x 100 m livres — Als Gustavo, Niobey, Barbejat e Rocha; 4 x 100 m quatro estilos — Als Gustavo, Niobey, Barros e Primo.

Tiro — Disputa equilibrada, mostrou um bom nível técnico dos atiradores. A equipe da 3ª Cia somou o maior número de pontos — foi representada pelos Alunos: Guerreiro, Vellame, Assad e Lacé. Na disputa individual destacou-se o Al Aristóteles da 1ª Cia.

Cabo de Guerra — Raça, fibra e suor foram características desta animada competição. A 2ª Cia ven-



A equipe de atletismo num circuito pré-competição



ON x EN — a volta do pólo aquático

Troféu foi a 2ª Cia que sempre esteve presente com equipes esforçadas e bem coordenadas. O Oficial-Comandante da Companhia campeã, CT (FN) Costanza, comprovou sua experiência na orientação e preparação de atletas. Eis a história do Eficiência 76:

Campeonato de Novos — Tradicionalmente é sempre a primeira competição do Eficiência. Sua realização é fundamental para a seleção, que se faz anualmente, dos novos atletas. A 2ª Cia entrou com o pé direito no Troféu, vencendo este campeonato.

- donca (4ª Cia)
- Salto em distância** — Al Tertius (1ª Cia)
- Salto em altura** — Al Tertius (1ª Cia)
- Arremesso do disco** — Al Correia de Melo (4ª Cia)
- Arremesso do peso** — Al Villas Boas (2ª Cia)
- Arremesso do dardo** — Al Villas Boas (2ª Cia)

Natação — Indiscutível vitória da 2ª Cia — não perderam nenhuma prova. O Al Niobey venceu as de 100 m livres, 100 m borboleta e 200 m medley. Nos 100 m costas e 100 m peito, o primeiro lugar

ceu mais uma vez, agora com a força — brigaram pelo seu cabo: Als Amaury, Pedretti, Savelli, Egypto, Galil, Menezes Loureiro, Edvaldo, Clemente, Marcelino e Rainho.

Futebol — Despertou grande atenção no Colégio pelo colorido e raça demonstrados nas boas "pelejas" do torneio. A finalíssima, 1ª Cia x 2ª Cia, foi um jogo de nervos, mas bem disputada do início ao fim. O escrete da 1ª Cia acabou sagrando-se campeão vencendo pela contagem mínima o escrete da 2ª Cia. Representaram a 1ª Cia — José Carlos, Sérgio Barbosa, Ubiratan, Queiroz da Silva, Dantas, Wandair,

ESPORTES

Paulo Vicente, Washington, Strickar, Helt, Aires, Botelho, Sergio Luis e Cálío.

Volêibol — Destaque da excelente equipe da 2ª Cia (quatro foram titulares da nossa seleção). Sempre seguros de um bom resultado seus atletas disputaram o torneio com muito entusiasmo, foram eles: Als Mattos, Djalma, Carneiro, Genildo, Rainho, Marcelo Wangler, Villas Boas, Moia, Álvaro e Cezar Viane.

Basquetebol — A 3ª Cia comandou o torneio tendo sempre um quinteto bem coordenado e de maior objetividade. Seu esforço lhe valeu o título inegável de campeão de basquete no Eficiência 76. A equipe se apresentou com os Alunos: Farias, Athalde, Ilton, Brito, Salles, Norman, Ulisses, Junger, Abreu, Franco e Carlos Henrique.

Judô — Dizem nossos judocas que as disputas da modalidade constantemente se desenvolvem num clima frio, sem torcida — apesar de toda a garra e beleza que uma boa luta de judô pode mostrar. Ainda assim podemos dizer que o judô, este ano, causou uma preocupação especial no desenvolver do Troféu — o resultado definitivo apareceu somente no final do ano desportivo, após o julgamento do recurso de uma das Companhias. Na disputa por equipes, a 2ª Cia foi a melhor. Individualmente destacaram-se: Médio — Al Octaviano (3ª Cia), Pena — Al Zanella (3ª Cia) e Leve — Al Hildo (2ª Cia).

Rústica Natatória — Foi num dia chuvoso e frio que os "destemidos" nadadores do CN puderam mostrar suas resistências e habilidades na difícil arte de flutuar. Valeu o

esforço de todos — apesar de que alguns não conseguiram completar a travessia. Os dois primeiros: Al Nicobay (2ª Cia) e Al Zardini (4ª Cia).

Rústica Terrestre — Uma das competições que despertam maior interesse no Corpo de Alunos é, sem dúvida, a rústica terrestre — pois dela todos participam. Sob um céu aberto e de sol forte, aproximadamente 400 alunos saíram em disparada pelas estreitas e pacatas ruas de Angra, rumo ao CN. Para variar, o pessoal do atletismo che-

CN x EN

Nestes jogos anuais que reúnem os Alunos do Colégio e os Aspirantes da Escola Naval num ambiente festivo, várias amizades são formadas e lembradas. Com a inclusão de mais algumas modalidades, a disputa este ano ganhou um novo colorido, além disto, o CN viu-se obrigado a formar outras equipes pois estava despreparado em algumas das novas modalidades (futebol de salão, handebol e pólo aquático). Conseguimos bons resultados



Largada da rústica terrestre — participação de todo o Corpo de Alunos

gou na frente: Al Bento Luis (4ª Cia) e Mandonça (4ª Cia) foram os primeiros.

CN x CSN

Tradicional disputa entre o Colégio Naval e a Companhia Siderúrgica Nacional. Seus jogos são realizados aqui em Angra e em Volta Redonda, anualmente. Em casa, o CN conseguiu expressivo resultado, motivado pela nossa animada torcida vencemos natação, atletismo, basquete e vôlei. Já em Volta Redonda não tivemos a mesma sorte: vencemos apenas o atletismo. A grande importância desta competição se evidencia se analisarmos, principalmente, o fato de ela ser a primeira experiência externa das nossas equipes.

se observarmos a inegável superioridade técnica dos nossos adversários. Vencemos tiro, obtivemos um surpreendente primeiro lugar em vela (classe snipe) e empatamos o futebol de salão.

CN x CMRJ

Este ano foi a vez do Colégio patrocinar uma das suas competições externas mais tradicionais, quando enfrenta o Colégio Militar do Rio de Janeiro. A tradição foi uma das razões para que esta competição tomasse parte nas comemorações do nosso Jubileu de Prata. Vencemos atletismo, basquete e vôlei, o que nos valeu a posse do "Troféu Jubileu de Prata".

III MERC-NAV

"Merc-Nav" é como chamamos os jogos entre o Colégio Naval e a Escola de Formação dos Oficiais da Marinha Mercante. Realizada no Rio de Janeiro, a competição, após uma paralisação de dois anos, colocou em disputa seis modalidades, das quais vencemos duas: basquete e natação. Destacamos a maneira amigável pela qual fomos recebidos pelos futuros marlins do CIAGA, a nova Sagres do Atlântico Sul.

ENCERRAMENTO DO ANO DESPORTIVO

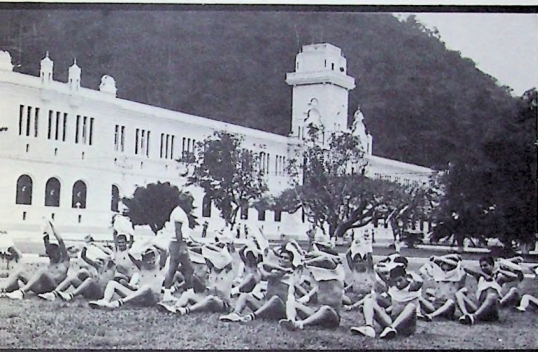
Em cerimônia realizada no campo de esportes, o Sr. Diretor do Colégio Naval, CMG Jalcias Baptista da Silva Castro, deu por encerrado nosso ano desportivo. Podemos dizer que foi um ano repleto de emoções, muita luta e, principalmente, amor ao Colégio, ao esporte. A prova disto é o resultado que nossos atletas conseguiram, recompença às muitas horas de lazer que

perderam nos duros e cansativos treinos.

Na oportunidade, foi feita a entrega dos diplomas aos alunos que em 1976 bateram recordes do CN — um total de seis, número bem superior ao do ano passado. Os recordistas:

Natação — Ravezamento 4 x 100 m quatro estilos: Als Niobey, Gustavo, Zardini e Aguiar (4 min 46 3/10 seg).

Atletismo — 800 m rasos: Al Da Silva (2 min 03 4/10 seg):



CN x CMRJ — Al Gonzaga, campeão nos 100 m rasos com o tempo de 11"0



Entre os jogos com a Escola Naval, o basquete foi um dos mais emocionantes

1.500 m rasos: Al Da Silva (4 min 35 seg); 3.000 m rasos: Al Bento Luís (9 min 41 seg); 3.000 m rasos: Al Mendonça (9 min 38 3/10 seg); Salto em Altura: Al Tertius (1,90 m).

AL TERTIUS — CAMPEÃO JUVENIL SUL-AMERICANO

Nos esportes, não levamos em conta todo o esforço que um atleta despendeu, durante grande parte de sua vida, para que atingisse um bom resultado. Com 10 anos, no Colégio Militar de Curitiba, iniciava-se no salto em altura; — "e até hoje, sem muitas ambições, porém com a vontade de praticá-lo o melhor possível, o faço nem que seja para minha própria satisfação".

Na época em que começou, tudo lhe parecia difícil — "teria, no

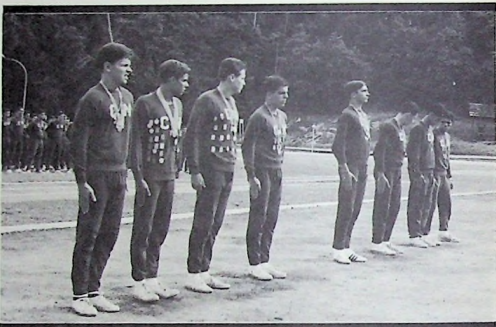
máximo, um metro e meio de altura". Mas com uma boa orientação e contando sempre com todas as condições para um eficiente treinamento, não tardou que comessem a surgir os bons resultados. A XI NAE foi, no seu ponto de vista, o início de uma fase mais consciente de suas capacidades — "quebrei pela primeira vez o recorde do CN, passei a ver certos fatos mais racionalmente, os recordes, por exemplo: o que alguém já fez anteriormente eu teria condições de igualar ou melhorar, e caso isso não acontecesse o culpado seria eu mesmo e mais ninguém".

Inspirado nisso bateu o recorde do CN mais duas vezes, na competição contra a Escola Naval pulando 1,90 m estabelecendo novo recorde da Marinha. A ocasião era boa e aproveitou-se de algumas competições extras: foi convocado para o Campeonato Brasileiro onde obteve o terceiro lugar. Isto deu-lhe oportunidade de participar do Campeonato Sul-Americano de Atletismo Juvenil em Maracaibo, Venezuela, realizado no mês de outubro de 76. Lá ultrapassou o recorde das Forças Armadas, saltando 1,96 m e obtendo o primeiro lugar. No mês seguinte, era chamado para competir no Campeonato Carioca onde quebrou mais um recorde: o brasileiro (juvenil) com a marca de 2,00 m.

Anesar disso diz que não pode ficar parado — "os recordes são as coisas mais frágeis que existem, se renovam a todo instante, pois cada vez mais as pessoas se conscientizam de suas capacidades".



Al Wilson, na disputa com a CSN, saltando 5,53 m



Encerramento do Ano Desportivo — com suas medalhas, os recordistas de 76 se apresentam para o recebimento de diplomas



MELHOR ATLETA DO ANO — AL NIOBEY

O preparo, a técnica e a garra parecem ser a fórmula que consagrou o Al Niobey como melhor atleta de 1976. Participando de todas as competições de natação que o Colégio Naval disputou, obteve 21 primeiros lugares, 16 segundos e 7 terceiros. É também recordista do CN, participando da equipe recordista do revezamento 4 x 100 m quatro estilos.

Com esses resultados mostrou toda a beleza do esporte e sua importância na formação da Mocidade Naval.

XII NAE

Mais uma vez coube ao CN patrocinar um de seus acontecimentos desportivos mais importantes: a NAE — sigla que simboliza nossa competição externa com a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx) e Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAr). A disputa objetiva, principalmente, renovar os laços de amizade e cavalheirismo imprescindíveis à juventude militar.

Sob a coordenação geral da Comissão Desportiva das Forças Armadas, sete modalidades foram colocadas em disputa. Procuramos retratar algumas passagens dos jogos e também um pouco da história e do cotidiano das nossas equipes, com textos escritos pelos próprios atletas.

TIRO

Al Negrão

A mais jovem modalidade disputada pelas três Escolas. Sua inclusão foi proposta pela EsPCEx na reunião preparatória para a IX NAE, realizada no dia 17 de outubro de 1972. A prova consistiria de três posições: deitado, de pé e ajoelhado ou sentado. Cada Escola comparceria com quatro atiradores e, para efeito de resultado, seriam computados os três melhores de cada equipe.

Em 1973, foi iniciada a obra de construção do nosso estande com o apoio da linha de tiro do CFN e do Centro de Esportes da Marinha. Iniciaram-se os treinamentos, sendo o técnico o CT (FN) Carlos Jorge Câmara Leão. E em outubro, pela primeira vez, disputava-se uma competição de tiro na NAE. A partir daí estava definitivamente incluída a prova.

Em 1974, foi contratado nosso atual técnico, Prof. Jorge da Costa Maia, que, desde o início dos treinamentos, demonstrou grande incentivo e interesse pela equipe. Este ano, tivemos o máximo apoio possí-



Abertura da XII NAE — o Al Tertius acende a pira olímpica

vel por parte da direção do Colégio. Foram encomendadas e recebidas 5 lunetas, munição (o principal), capacchos e até armas novas! Todos nós, já desde o início dos treinamentos, estávamos confiantes que o título de tetracampeões seria nosso.

Enfim chegou a hora de colocarmos em prova nossas habilidades. Vitória marcante, conquistamos os 1º, 2º e 3º lugares individuais e o 1º lugar por equipes. Recordes foram igualados. O Al Guerreiro ficou com o 1º lugar, seguido pelos Als Aristóteles e Negrão. Devemos os resultados obtidos ao esforço e paciência do nosso catedrático mestre Maia — não esquecendo porém o grande apoio dos Oficiais que estavam sempre juntos à equipe.

ATLETISMO

Al Gonzaga

No decorrer do ano desportivo de 76, paralelamente aos esforços desenvolvidos por outras equipes, nosso atletismo se destacava pelo grande espírito de luta que demonstrava durante as competições. Os treinamentos tomavam a maior parte do nosso tempo. Começavam às 15 hs e, sem hora certa para seu término, às vezes atravessavam o horário de recreação.

Mas fomos recompensados. Durante o ano quebramos vários recordes, mostrando que soubemos enfrentar a monotonia do treino. A todo instante, contávamos com o apoio dos nossos técnicos, que jamais esqueceremos: Profs. Nilo Sérgio Lancetta, Geraldo Aluizio e o amigo CB-FN SILVA.

Finalmente a meta principal: NAE. Apesar de estarmos bem preparados técnica e fisicamente, não nos saímos muito bem. O importante é que nossa moral não se abalou e, acima de tudo, aprendemos que não devemos esmorecer diante de uma derrota. Ao contrário, tomamos mais consciência de que é preciso um espírito esportivo, aconteça o que acontecer.

Mas aí vai nossas ferinhas: 100 m rasos — Als Samuel e Gonzaga; 200 m rasos — Al Samuel (2º colocado); 400 m rasos — Al Angra; 800 m rasos — Al DA Silva (3º colocado); 3 000 m rasos — Al Mendonça (3º colocado); Revezamento 4 x 100 m — Als Pereira da Cruz, Menezes, Samuel e Gonzaga; Revezamento 4 x 400 m — Als Daumeria, Fernando, Luis Antonio e Angra (2º colocado); Salto em Altura — Al Tertius (1º colocado); Salto em Distância — Al Tertius (3º colocado); Arremesso do Disco — Al Maia (3º colocado); Arremesso do Dardo — Al Vicente (2º



A vitória indiscutível do nosso revezamento 4 x 100 m quatro estilos

colocado) e Al Villas Boas (3º colocado); Arremesso do Peso — Al Pereira Lopes (3º colocado).

VOLÍBOL

Al Carneiro

No início tudo era duvidoso: no campeonato de novos, com exceção de poucos, não se destacaram bons jogadores. A confiança em nossos treinamentos, aliada ao incentivo da torcida, fez com que conseguíssemos boas vitórias e assim ganhamos a autoconfiança necessária. Até os próprios veteranos, alguns já desacreditados, começaram a brilhar. A NAE foi a consagração — vencemos as excelentes equipes da EsPCEx e EPCAr sem que perdéssemos um único "set".

Uma das principais razões do nosso tetracampeonato foi, sem dúvida, o Prof. Cardoso. Além de aprendermos muita coisa de vôlei com sua experiência, encontramos nele um verdadeiro amigo. Nosso time, a "Mean Machine", como carinhosamente costumávamos chamá-lo, era nutrido do mais puro sentimento de amizade e união. Quando discutíamos, nosso objetivo era unicamente um resultado melhor.

Enfim, ficou em nós a sensação de termos realizado plenamente nossos anseios. A medalha que ganhamos na XII NAE será uma lembrança, que guardaremos para o resto de nossas vidas.

NATAÇÃO

Al Gustavo

Entre as equipes do CN, as que mais se ligam à vida marinha são as de vela e natação. Como não existem regatas na NAE, cabe à equipe de natação demonstrar toda a garra marinha. Esta destinação é bem compreendida entre seus atletas. Nossa equipe é, basicamente, a mais "pele" ou exigida do Colégio, pois tem seu treinamento começando às 15 h e terminando, muitas vezes, até depois do horário normal para o jantar.

Quando as turmas de educação física permaneciam na piscina, nosso treinamento aquático caía muito de produção. Tudo isso, somado ao frio, fazia com que só os bons nadadores permanecessem na equipe. Nosso técnico, Prof. Carlos, de tudo fazia para melhorar as condições de treinamento.

Mantendo a tradição, a equipe apresentou-se com muita garra e categoria em todas as suas disputas. Quando chegou a NAE, todos estavam preparados para dar tudo de si e esperando, pelo menos, melhorar seus tempos. Ao final vimos que, apesar da derrota injusta no "tapetão", éramos superiores aos nadadores da EsPCEx e EPCAr, sendo a vitória o único resultado aceito pela equipe.

Resta-nos a convicção de que se não vencemos, pelo menos fo-

mos superiores na piscina e, portanto, somos moralmente tetracampeões também em natação. Eis nossas melhores colocações: 200 m medley — Al Niobey (3º colocado); 100 m peito — Al Aguiar (1º colocado) e Al Gustavo (3º colocado); 4 x 100 m livres — Als Zardini, Aguiar, Rocha e Niobey (3º colocado); 100 m borboleta — Al Niobey (1º colocado) e Al Barbejat (3º colocado); 100 m costas — Al Zardini (1º colocado); 100 m livres — Al Niobey (3º colocado); 4 x 100 m quatro estilos — Als Zardini, Gustavo, Niobey e Aguiar (1º colocado). *Obs:* Nesta prova, a equipe do CN foi desclassificada pelo Júri Técnico, que considerou eliminatório o recurso dos encarregados das equipes da EsPCEx e EPCAr, ocasionado, pelo retorno emotivo à piscina de dois dos nossos nadadores.

FUTEBOL

Al Lucena

Nossa "escolinha de futebol", assim ironizada devido aos inúmeros insucessos alcançados durante o ano, era o que poderíamos chamar de "mártir" das equipes, pois mesmo com todos os problemas enfrentados no transcorrer de 1976, formamos uma equipe não tão boa em valores individuais, mas em conjunto, talvez uma das melhores que já passaram pelo CN. O começo dos treinamentos foi ministrado pelo Prof. Edil que, por motivos particulares, teve que se ausentar, cedendo seu lugar de técnico ao 2º Ten. (RM-CA) Pascoal.

Fomos nós que fizemos a partida inaugural da NAE, juntamente com a EPCAr, logo após a solenidade de abertura. Entramos um tanto quanto desacreditados, mas pudemos mostrar a nossa "marca registrada" — a garra. Depois de estarmos perdendo injustamente de 2 x 0 no 1º tempo, jogamos um 2º tempo espetacular, conseguindo empatar a partida, tendo até chance de dilatar o placar, tal era a nossa superioridade. No último jogo, que também significava o encerramento da olimpíada, tínhamos a responsabilidade de trazer para o CN a vitória no futebol, consequentemente foi uma partida duríssima. A EsPCEx guardava para si uma defesa



Nosso vôlei, superior em todos os lances



Equipe de futebol — momentos antes da partida decisiva: CN x EsPCEx.

bastante sólida (a menos vazada) e nós, com atacantes ágeis e diabólicos, éramos o ataque mais positivo. No fim, a sorte não esteve conosco: tivemos um gol anulado, perdemos gols feitos e acabamos derrotados por 2 x 1.

Embora o placar não conte a verdadeira história de uma partida, sem querer desmerecer as brilhantes equipes da EPCAr e EsPCEx, podemos dizer que vencemos moralmente. A vitória não foi completa pois aquele resultado nos deixara bastante tristes e frustrados. Apesar da melancolia, levantamos a cabeça pois não foram poucas as palavras de consolo e elogio: todos puderam assistir um futebol bonito, coeso e de muita raça.

BASQUETE

Al Girão

60 x 56 — Um placar de lágrimas, resultado por nenhum de nós esperado...

Com a chegada dos novos alunos, logo no início do ano, foi sendo feita aos poucos uma cuidadosa seleção daqueles considerados hábeis o bastante para comporem as diversas equipes do CN. Assim foi também o basquete. Depois de aproximadamente um mês de treinamento conjunto, o novo técnico contratado, Prof. Tude Sobrinho, teve condições de definir os atletas que comporiam a equipe durante o ano de 1976.



Basquete — o espírito de equipe gerado foi capaz de quebrar a tradição da derrota

A boa campanha que fizemos foi capaz de acabar com a imagem negativa que nossos próprios colegas tinham do "grêmio de basquete", apelido um tanto pejorativo, em virtude do "passado negro" da bola-ao-cesto no CN. Entramos em quadra, na NAE, seguros de que se mostrássemos o que havíamos assimilado, nossa vitória era garantida. No primeiro jogo, contra a EsPCEx, tivemos a oportunidade de firmar nossa imagem junto à torcida. Estávamos estranhamente tensos, nossa vontade de ganhar e concretizar o sonho de um ano era tanta que

acabamos ficando desorientados: nesse clima começamos perdendo e só conseguimos a recuperação e a calma no segundo tempo, quando a força moral de um verdadeiro técnico nos fez levantar a cabeça, virar o placar e ganhar o jogo.

Contra a EPCAr fomos infelizes: após estarmos ganhando por dez pontos de diferença no primeiro tempo, fomos regredindo até perdemos o controle ao adversário, que se mostrou espetacular, merecendo assim as duas cestas de vantagem que lhe deram a vitória. Não

há de ser nada: ainda havemos de nos reunir de novo na Escola Naval empenhando-nos ainda mais para a realização de nossos ideais de atletas.

JUDÔ

Al Leonam

Arte marcial, filosofia de vida, uma quase religião, o judô na atualidade perdeu-se num espírito primordialmente esportivo, competitivo, para desenvolver-se no corpo. Apesar do aspecto ascético de quimonos brancos e faixas coloridas, do cheiro de mistério oriental, o judô do CN é sumariamente físico: caracteriza-se pelo aperfeiçoamento do corpo para sustentar a dureza dos combates corpo-a-corpo, músculo contra músculo, técnica contra técnica.

O convívio diário nas dificuldades, nas lutas, dentro e fora do "tatame", tocou-nos a amizade, a união; as competições externas deram-nos a garra, a vontade de vencer, a objetividade, o sentimento de conjunto, a vibração por cada um e pelo todo. Mas foi durante a NAE que atingimos o ápice de nosso esforço: frente a um público relativamente pequeno (como é normal em judô) mas com uma torcida vibrante e que a todos empolgava, enfrentamos as equipes da EPCAr (de altíssimo nível técnico) e da EspCEX. Conseguimos um honroso segundo lugar. Destacaram-se os judocas do peso médio que marcaram os "ypons" e "wasaris" do vice-campeonato.

Na competição individual, o valor de cada um em jogo: conseguimos, novamente, no peso médio os 2º e 3º lugares, com muito suor, sangue e até mesmo lágrimas. Lutamos nos outros pesos mas sem resultados que possam ser medidos por pontos. Demos tudo de nós e a vitória coube a cada um, interior-



Al Octaviano, 2º colocado no peso médio



Al Villas Boas, 3º colocado no arremesso de dardo

mente; visível ou invisivelmente a medalha estava em todos os peitos arfantes de esforço. Valemos pelo que mostramos.

As competições acabaram, mas resta o espírito moldado pelo

nosso grande amigo e técnico Prof. Fernando, que na sua aparente austeridade e rudeza, mostrou-nos ser uma grande pessoa humana e ótimo profissional, o que nos foi transmitido e transformado em uma profunda gratidão.

AGENDA

Al Carlos Eduardo B. de Albuquerque Alves
Al Glaucio Castilho Dall'Antonia
Al João de Araújo Costa
Al Adilson Silva Lucena

ABERTURA DO ANO LETIVO (27/02/76)

A cerimônia de abertura do ano letivo deu-se num clima de expectativa e euforia, visto que iniciávamos nosso dia-a-dia repleto de lutas e esperanças, de se tornarem realidade nossos ideais de jovens da Marinha.

Houve uma cerimônia militar na qual o Sr. Diretor deu por abertas as atividades letivas, aconselhando empenho nos estudos e desejando felicidades no ano que ora se iniciava. Assistimos depois a aula inaugural proferida pelo Prof. Leopoldo.

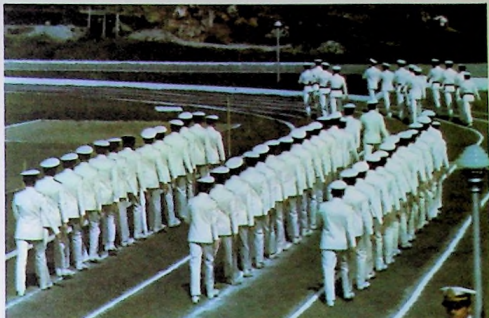
PALESTRAS

Houve uma série de importantes palestras de cunho informativo que contribuíram para aumentar a bagagem de conhecimentos dos alunos. Foram muito bem apresentadas e despertaram interesse.

A primeira destas contou com a presença do Dr. Edu Guimarães Gontijo, que versou sobre tóxicos, suas influências no jovem e na sociedade brasileira de um modo geral. Apresentou o problema do vício, elemento destruidor da saúde e integridade humana.

"A Esquadra e a Renovação dos Meios Flutuantes" foi apresentada pelo Capitão-de-Fragata Amaury da Costa Rubin.

Na sequência houve palestras sobre o "Corpo de Fuzileiros Navais", a "Diretoria de Hidrografia e Navegação" e o "Corpo de Intendência" proferidas respectivamente pelo Capitão-de-Fragata (FN) Eugênio do Carmo Ribeiro, Capitão-de-Fragata Ivaldo Carvalho dos Santos e Capitão-de-Corveta (IM) Cláudio de Andrade Teixeira. Encerrando a série o Exmo. Sr. Vice-Almirante Newton Braga de Faria discorreu sobre a "Diretoria de Portos e Costas" e seus objetivos.



Abertura do ano letivo — marchamos para mais uma etapa de nossas carreiras

Cumpramos uma explanação realizada extemporaneamente pelo falecido Almirante de Esquadra Sylvio de Magalhães Figueiredo, então Comandante de Operações Navais, que versou sobre a "Marinha através da história, sua função e evolução". O Almirante Figueiredo, a quem devotamos profunda admiração, mostrou a imensa importância da Marinha para o progresso do Brasil.

DIA DOS PROFESSORES (15/10/76)

Houve substancial modificação no modo de se comemorar o Dia dos Mestres. Ao contrário do que ocorria nos anos anteriores, onde não havia a nossa colaboração, este ano a festividade teve cunho aluno-professor.

Realizou-se uma solenidade no auditório presidida pelo Sr. Diretor.



O Exmo. Sr. Vice-Almirante Eustáquio Façanha Sobrinho entregando as barretas ao 1º Pelotão da 4ª Cia.

O aluno Leonam falou em nome do Corpo de Alunos, expondo o que pensávamos a respeito da profissão de lecionar. O Prof. Frota agradeceu em nome do Corpo Docente. Diversas personalidades, civis e militares, receberam uma singela lembrança — um diploma simbolizando o agradecimento aos mestres.

DIA DO COMCA — PATESCARIA

Voltou ao Colégio Naval a comemoração tradicional do Dia do COMCA. No dia 12/5, todo Corpo de Alunos embarcou no Aviso Rio Pardo. Embora ameaçasse chover, todos estavam animados e de "Vibrador" lançamo-nos à Ilha Grande. Um pouco antes de nós, havia saído o veleiro oceânico do Colégio, *Tambau*. Modificamos nosso rumo inicial devido ao mau tempo, e na perseguição do sol, fundeamos em Taratuba, uma tranqüila praia situada a 60 km de Angra dos Reis, próxima a Parati. Como só podíamos fundear a uma distância considerável da praia, muitos tiveram de ir nadando, enquanto os mais "afogados" iam de canadense ou nasadeiras dos pescadores que gentilmente ajudaram no desembarque. Lá na praia todos se movimentavam preparando redes de vôlei, procurando um campo para uma pelada, treinando caça submarina, ou se divertindo como podiam. Animação grande na hora do rancho! Um lance bem no estilo de um piquenique no mar!

A bateria animou a volta ao CN e o pessoal aproveitou para treinar navegação, manobras e colocar em dia a linguagem marinheira.

PELOTÃO TAMANDARÉ

O título "Pelotão Tamandaré" é concedido ao pelotão que se destaca dos demais num determinado período. É escolhido pelos oficiais do Departamento de Alunos, levando-se em conta apresentação, destíes, atitudes e comportamento dos alunos componentes do pelotão.



Sete de setembro, o batalhão escolar desfila em continência



Dia da Bandeira — civismo e respeito ao pavilhão nacional — símbolo da Pátria

O 1º Pel. da 4ª Cia, comandado pelo aluno nº 3010 Fernandes foi três vezes "Tamandaré". Presidiaram as cerimônias de entrega de barretas o Exmo. Sr. Diretor de Ensino da Marinha, Vice-Almirante Eugênio Marques Rodrigues Frazão, o Exmo. Sr. Diretor de Intendência da Marinha, Vice-Almirante Estanislau Façanha Sobrinho e os Exmos Srs.

Adidos Navais Estrangeiros, quando de sua visita ao colégio.

Comandado pelo aluno nº 3013 Dellaretti o 2º Pel. da 3ª Cia. foi também designado "Pelotão Tamandaré". A cerimônia contou com a presença do Comandante do Corpo de Aspirantes da Escola Naval, Capitão-de-Mar-e-Guerra Heitor Alves Barreira Júnior.



O 2º Pelotão da 3ª Cia recebendo barretas do Comandante do Corpo de Aspirantes, CMG Heitor Alves Barreira Júnior

CERIMÔNIAS MILITARES

O Corpo de Alunos apresentou-se em festividades de caráter militar de forma brilhante durante o ano que passou. Houve o desejo de vencer, de lutar para melhorar tudo aquilo que se fazia, de aperfeiçoar novas apresentações e elevar o bom nome do nosso Colégio.

Em 11 de junho marchamos até Angra e foi homenageada a *Batalha do Riachuelo*, em nome de um de seus heróis — o Guarda-Marinha Greenhalgh. Na praça do mesmo nome alguns oficiais e sargentos foram agraciados com medalhas. Compareceram diversas autoridades entre as quais o Sr. Diretor do Colégio Naval, CMG Jélcias Baptista da Silva Castro, o **Prefeito** e Vereadores da cidade.

No **154º Aniversário da Independência** apesar do mau tempo o brilho de nosso desfile não foi ofuscado, tendo despertado grande interesse na população local.

Desfilaram conosco colégios, entidades das mais variadas juntamente com Verolme e Petróbrás.



O pátio interno e os desfiles: lembranças para toda a vida — A Esperança da Armada



Momento solene: A guarda apresenta nosso estandarte. Nele inscrito o nosso lema: *Classis Spes*

Dia da Bandeira: Bandeira Nacional — símbolo da Pátria Brasileira, sinal visível de sua presença, progresso, tradição e feitos do povo. Constituída pelo verde da esperança, amarelo do progresso, azul da paz e branco da harmonia.

Cerimonial singelo contudo de imenso significado cumpriu-se no dia 19/11.

ALMOÇO DOS 30 DIAS

É a festividade que abre o término do ano. Realiza-se quando **restam trinta dias** para o encerramento do ano letivo.

Para nossa turma que no próximo ano estará na Escola Naval, significa o nascer a uma despedida, mas não uma despedida definitiva.



Por ocasião do almoço dos 30 dias, discursa o Al Leonam — orador da turma

O Colégio sempre estará em nossa lembrança... a beleza do prédio secular e da natureza formam um quadro que sempre comoverá nosso íntimo. Talvez agora nós o olhe-mos com um pouco mais de cari-nho, pois ele é algo que teremos de deixar...

O Prof. Frota, paraninfo da tur-ma que se forma, discursou dese-jando o sucesso na carreira e na vida de um modo geral.

PASSAGEM DA CANA-DO-LE-ME E ENCERRAMENTO (16/12/76)

Certos de termos desempe-nhado um papel importante na his-tória do CN, a turma que se despe-de, passa aos novos alunos a "ca-na-do-leme", fazendo cumprir, um ritual singelo, porém muito signifi-cativo, que se verifica ao final do ano, no despertar de uma geração, que toma para si a liderança.

E o encerramento representa o término de uma etapa de nossas vi-das: o primeiro degrau na carreira de Oficial de Marinha. A Escola Na-val nos espera. Levamos dois anos intensamente vividos, dois anos inesquecíveis.



Fim de ano, o "Bacalhau" vem quebrar as tensões e comemorar a vitória



AQUIDABAN

A EPOPEIA E A TRAGÉDIA DO ENCOURAÇADO

Al Paulo Vitor Sá de Gusmão

Al Antonio Reginaldo Pontes Lima Jr.



Sem dúvida, nossa Esquadra tem tido numerosos navios, alguns com histórias célebres, mas nenhum como o incrível Encouraçado *Aquidaban*.

O NAVIO

Segundo informações oficiais, seus planos foram traçados pelo notável Engenheiro Naval Sir Eduard Reed.

Em 17 de janeiro de 1885, ao descer da carreira dos estaleiros de New Castle, o *Aquidaban* deslocava cerca de 5 mil toneladas. Sua couraça era de aço comprimido, chapas de muita espessura: 11 polegadas. Para a época possuía uma velocidade máxima muito razoável, 15 nós. Media 180 pés de comprimento, 52 de boca e 18 de calado.

Navegando 10 milhas por hora poderia permanecer no mar durante 23 dias sem se reabastecer, todavia este alcance poderia ser aumentado pois era aparelhado à galera, isto é, com velas envergadas. Como tipo de navio, foi demais discutido em seu tempo e os planos mereceram as melhores referências. Entretanto, surgiu uma polêmica sobre sua couraça: seu

primeiro Comandante, CMG Custódio José de Mello, desentendeu-se com o fiscal de construção, Almirante Costa Azevedo, Barão do Ladário e chamou o vaso de "courageado de papelão". A ironia da sorte, porém, reservou ao próprio autor desse qualificativo o destino de se abrigar em sua muralha de aço quando em luta contra o governo do Marechal Floriano.

MISSÕES DE PAZ

A princípio só teve o *Aquidaban* missões de paz, de cortesia internacional, tendo sido as principais nos Estados Unidos da América — a mais importante, sob o pavilhão do CMG Julio Cezar de Noronha, foi para representar o Brasil na revista naval de Hampton Roads, complemento da exposição de Chicago.

ATIVIDADES REVOLUCIONÁRIAS

Embora o *Aquidaban* não tenha tomado parte no golpe que depôs o Imperador, seus canhões rondavam as águas tranquilas da Guanabara, como que observando a agitação dos Republicanos. Se em 1889 o temível Encouraçado não havia se manifestado, daí em diante entraria numa fase agitada, bélica e definitiva.

A 3 de novembro de 1891, o Presidente da República, Marechal Deodoro da Fonseca, dissolvia o Congresso Nacional. De alguns navios da nossa Esquadra partiu o protesto contra o golpe de Estado: a 23 de novembro, o *Aquidaban*, ao influxo de Custódio de Mello, manifestou descontentamento pela voz do canhão, com o argumento rápido do tiro. Da boca de uma das suas Nordenfeldt, foi despedida a intimação ao governo ditatorial de Deodoro. O disparo atingiu, por excesso de elevação, a cúpula da Candelária. Deo-

doro renunciou à Presidência e Floriano, seu substituto, organizou outro Ministério chamando Custódio para a pasta da Marinha.

Em 1893, encontrava-se o *Aquidaban* de novo envolvido em cena política. No dia 6 de setembro amanheceu com uma bandeira branca no mastro grande: era o sinal da revolta de uma grande parte da Marinha, dirigida pelo Contra-Almirante Custódio de Mello. No Comando do Encouraçado estava o então CF Alexandrino de Alencar e a bordo encontravam-se, entre outros revoltosos, os deputados: Dr. J. J. Seabra, Dr. Ampriso Fialho e Espírito Santo e o Cel. Laques Ouriques. Na Câmara do Comandante foi escrito e assinado o manifesto que os deputados dirigiram à nação, justificando o movimento armado contra o Vice-Presidente Marechal Floriano Peixoto.

Por três vezes o *Aquidaban* forçou a barra, rompendo fogo contra as fortalezas de Santa Cruz, Lage e São João, que se conservavam fiéis ao governo. Foi um duelo tremendo que apavorou a população. O povo, sempre inclinado a alcinhas, começou a chamar o *Aquidaban*, após as saídas e entradas na barra, de "casaca de ferro". Naquele tempo era sabido que, se o Encouraçado, tão bem apoiado pela artilharia da fortaleza de Villegagnon tivesse continuado o bombardeio por mais uma hora, a fortaleza ter-se-ia rendido, por falta de munições, e a vitória dos revoltosos seria infalível, mas a fortaleza recebeu suprimentos durante a noite e os bombardeios se repetiram quase todas as noites.

A 30 de novembro o *Aquidaban* retirou-se conduzindo o chefe do movimento, deputados, muitos Oficiais de Marinha e mais alguns do Exército. Retorna a 12 de janeiro, já no ano de

1894, em comissão do Almirante Saldanha da Gama, usou de tanta discricção, que as fortalezas da barra só deram por ele quando já estava fundeado próximo da Ilha das Cobras. Floriano tomou então todas as providências para que o Encouraçado não tornasse a sair do porto, uma delas foi providenciar o deslocamento da famosa "Esquadra de Papelão", formada por ele com o engajamento de velhos navios comprados às pressas na América, para que bloqueasse a barra, sob o Comando do Almirante Jerônimo Gonçalves. Mas saiu na noite de 21 de fevereiro debaixo de uma chuva de balas lançadas pelas fortalezas.

O PRIMEIRO TORPEDEAMENTO DO ATLÂNTICO SUL

A 16 de abril, já em águas catarinenses, combatendo a flotilha de torpedeiros, foi o *Aquidaban* atingido por um torpedo lançado pela *Gustavo Sampaio*, comandada pelo 1º Ten. Altino Correia. Era o primeiro navio a ser torpedeado no Atlântico Sul. Recebeu um rombo de 26 m de comprimento por 6 de largura, caindo em poder da Esquadra Legalista.

AS REFORMAS

Ligeiramente reparado, foi trazido para o Rio de Janeiro e, em seguida, enviado, sob o comando do CMG Nunes Belfort, para sofrer as reformas necessárias. Coube o reparo do casco e das máquinas aos estaleiros alemães de Companhia Vulcan, em Stettin, e parte do armamento aos de Elswick, em New Castle, na Inglaterra. Entre outras reformas, a substituição dos seus três masts à galera por dois militares, posteriormente substituídos por um só com vergas cruzadas e equipamento necessário à telegrafia sem fio.



Após a reforma que sofreu, terminada em 1897, opinou um Oficial de Marinha da época: "venceria em combate a dois Aquidabans de 1885".

SEUS VÁRIOS NOMES

Seu nome foi tomado de um rio-cho em cujas margens tombou o caudilho paraguaio Solano López. Mas até nome perdera o *Aquidaban* nas refregas revolucionárias. O Almirante Jerônimo Gonçalves dera-lhe o de *Dezesseis de Abril*, em lembrança do torpedeamento, mudado pouco depois para *Vinte e Quatro de Maio*, em atenção ao Exército e à vitória de Tuiuti, classificada a maior batalha campal Sul-Americana. Mais tarde, em 1898, o tempo, o maravilhoso cicatrizador, acabou com a violência das paixões partidárias e o navio retomou o primitivo e glorioso nome: continuou o *Aquidaban*.

A ÚLTIMA MISSÃO

Em 1896, com grande divergência de opiniões, surgia a questão da escolha do local para o estabelecimento do novo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Ouviram-se autoridades, entre elas a do Contra-Almirante João Cândido Índio do Brasil e do CMG Calheiros da Graça. Ambos julgaram a bala de Jacuacanga nas condições de preencher todos os requisitos necessários.

O Ministro da Marinha Almirante Júlio César de Noronha, homem do maior valor público e particular, finalmente propôs o porto militar para Jacuacanga. A idéia encontrou a oposição e crescia, muitos eram partidários de que o novo porto militar devesse se estabelecer em região próxima ao extremo do país.

Dirigiu-se nesse clima de controvérsia uma missão científica para abrir debates e colher resultados. O *Aquidaban* foi destacado da divisão Alexandrino de Alencar, deslocou-se a Jacuacanga para servir de apoio à missão. A Comissão iniciou estudos e análises. Examinou a costa e dispôs-se a ver a terra. Como o *Aquidaban* era mais espaçoso, alguns membros da comissão aí se alojaram, esperando o dia seguinte para baixar à terra e reconhecer a bem.

EXPLOSÃO

21 de janeiro de 1906

Com o anoitecer, dos três vasos de guerra, *Aquidaban*, *Barroso*, e *Tiradentes*, presentes à missão, nem os vultos se distinguiram, só a iluminação de bordo deixava reconhecer as respectivas posições. Ao passar das horas, os grupos foram se deslocando. Ninguém tinha sono, mas todos concordavam que era preciso recolher.

Repentinamente, surgiu da escuridão da noite um imenso clarão envolto em fumaça, seguido de estrondo assustador, como ferros se chocando violentamente, mas tudo isto não foi suficiente para abafar a confusão de vozes em gritaria, que logo após transformaram-se em gemidos de dor.

A treva restabeleceu-se, cessou o ruído monstro, a vozeria abafou-se...

Escaleres se apartaram do *Barroso* em trêmula busca ao ponto da catástrofe: aos primeiros que o alcançaram foi dado a ver sobre águas revoltas homens feridos e em pavor. Extinto o incêndio, no convés do *Aquidaban* tudo estava consumado. O alagamento do enorme Encouraçado foi o processo sumário da extinção do fogo.

O *Aquidaban* ia ao fundo e durante longo tempo, por muitas e afletivas horas, bolhas gasosas vieram à triste flor daquelas águas. Dois dos oficiais comissionados para examinar a bala de Jacuacanga, não pensaram então que examinavam o seu próprio túmulo. Foram os Contra-Almirantes Calheiros da Graça e João Cândido Índio do Brasil.

Dos 212 que tripulavam o *Aquidaban*, somente 98 sobreviveram ao naufrágio. Os escafandristas trabalhavam: cadáveres, roupas, móveis, objetos de toda a natureza subiam à tona. Três relógios foram encontrados: um deles o do Almirante Calheiros, estava com os seus ponteiros imóveis nas 10:47 h.

As causas da explosão ficaram em mistério. A verdade até hoje ficou oculta atrás da dor. Resta hoje um monumento em sua lembrança, aqui perto do Nosso Colégio, que cobre de heroísmo os mortos e perpetua um navio inesquecível à Armada.

AQUIDABAN



Bibliografia

- 1 — Agonia (A) da Revolta da Armada — revista o cruzzeiro — maio de 1958
- 2 — Aquidaban (O) — revista eu sei tudo — fevereiro de 1908
- 3 — Aquidaban (O) — revista século XX — janeiro de 1906
- 4 — Projétil (Um) Histórico — revista da SEMANA — janeiro de 1927
- 5 — Subsídios para a História Marítima do Brasil, vol. II, pág. 231 e ss; vol. VII, Rio (idem) pág. 229 e ss.

Fragmentos do poema de Emílio de
Menezes A TRAGÉDIA DO AQUIDABAN.

Súbito, estrondo rápido ribomba,
O grande mastro fragoroso tomba
E um clarão se projeta no infinito!
É o berço-nau que se transforma em
tumba!
E horripilam o terror que erra e re-
tumba,
Tira um grito de dentro de outro grito!

A alma transviada e de delírios presa
Parece que interroga a natureza:
— Serão castigos, infernais vin-
ganças?
Mas resta sem resposta a atroz
pergunta
Na mole férrea que se desconjunta
Sepultando saudades e esperanças!

É inquilina da vida! Desocupe-a!
A morte brada na feroz volúpia!
A devorar a Plêiade indefesa!
Nem vê que a tanta gente o luto cobre
Por tanta glória e tanto sonho nobre
Que o mar sepulta com indiferença!

ALMIRANTE
LUIZ PHILIPPE DE SALDANHA
DA GAMA

PATRONO DA TURMA

Prof. Guilherme de Andréa Frota



Almirante

PRIMEIROS PASSOS

Era 7 de abril de 1846. Nasceu em Campos o menino Luiz, filho de Dom José de Saldanha da Gama e D. Maria Carolina Gomes Barroso. De nobres costados ibéricos, pois descendia de Vasco da Gama, dos Marqueses de Pombal e dos Condes da Ponte, logo revelou vocação para a vida militar enquanto viveu na fazenda do Colégio, casa assobradada que testemunhou seus sete primeiros anos de existência. Vindo com o pai para a Corte, ingressou, em 1859, no segundo ano do Imperial Colégio D. Pedro II. Ali triunfou por dois anos angariando amizades e assombrando os Mestres. Transformou-se o menino num jovem sadio e inteligente, habilmente preparado por seu pai, verdadeiro orives da sua educação. A 28 de fevereiro de 1861 Luiz Philippe teve preça de Aspirante a Guarda-Marinha na Escola de Marinha. Como primeiro classificado era o mais antigo de sua turma, assim se conservando durante o difícil curso, a que não faltaram diversas vigiões de instrução bastante proveitosas.

OPERAÇÕES DE GUERRA

Embarcado na fragata *Amazonas*, em 1864, dirige-se ao Prata, onde participou, pela primeira vez, de uma ação militar, quando tropas brasileiras cercaram Paissandu. Já na guarnição da canhoiera *Recife*, desembarca a frente do Primeiro Batalhão de Fuzileiros. Sua bravura foi louvada pelo Almirante Tamandaré. Depois, a Guerra Grande, promovido a Segundo Tenente. A bordo do *Taquari* ficou longos meses em Itaquí, onde frequentou a sociedade local, acabando por se casar com D. Emilia Josefina de Melo. Suas núpcias coincidem com o início da ação: pas-



As defesas legais em Gragoatá, Niterói

sando pela guarnição de vários de nossos navios, distinguiu-se no forçamento de Curupaiti, na Passagem de Humaitá, nos ataques às baterias de Angostura e Timbó. Regressava à Pátria a 14 de fevereiro de 1869, promovido a Primeiro-Tenente.

DE MARINHEIRO A DIPLOMATA

Com apenas 23 anos atingia o posto de Capitão-Tenente (equivalente hoje a Capitão-de-Corveta). Desenvolveu um largo período de estudos, amalhando conhecimentos preciosos aplicados em instruções a Guardas-Marinha. Em 1873 o Império o escolheu para representá-lo na Exposição Internacional de Viena, Áustria. Logo depois, em 1876, é designado membro da Comissão que representaria o Brasil na Exposição Internacional de Filadélfia, Estados Unidos. Em 1879 integra a Missão À China, comandada pelo Chefe de Divisão Artur Silveira da Mota, já como Capitão-de-Fragata, na longa e proveitosa viagem da corveta



A fortaleza de Villegagnon durante a Revolta da Armada



O canhão Armstrong de 550 mm da Fortaleza de S. João; era apelidado de vovô

Vital de Oliveira. De volta, assume o comando da corveta *Parnalba*, a sua *Gazeta*, dirigindo-se para Buenos Aires, como Delegado do Império na Exposição Continental promovida pela República vizinha. De regresso à Corte, participou da Exposição Industrial do Rio de Janeiro. Seus conhecimentos astronômicos levaram o Imperador a designá-lo para conduzir a Missão do Dr. Louis Cruls, que, em Punta Arenas, devia assistir à passagem do planeta Vênus pelo disco solar, comissão coroada de êxito.

Uma pequena pausa na Côte: toma assento a 13 de novembro de 1883 como Membro Efetivo do Conselho Naval. Amadurecia em sua mente a idéia de fundar um clube da classe. Arregimenta companheiros e a 16 de março do ano seguinte funda o Clube Naval, instalando-o solenemente a 12 de abril em prédio da Praça Tiradentes. Nele, Oficiais das duas Armas criaram o Clube Militar, tendo sido Saldanha da Gama um dos maiores adeptos da idéia.

Nova comissão ao estrangeiro: em fevereiro de 1886 conduzia Guardas-Marinha aos Estados Unidos a fim de participarem da Exposição de New Orleans; exibiram ufanos o cruzador *Almirante Barroso*, construído no Arsenal do Rio de Janeiro.

Passa ao comando do *Riachuelo*, promovido a Capitão-de-Mar-e-Guerra. Em agosto de 1889 conduz neste vaso de guerra Sua Majestade à Ilha Grande, Angra dos Reis e Parati. Pedro II ficou encantado com o excelente Oficial e fino diplomata. Dois meses depois é nomeado Delegado do Brasil no Congresso Marítimo Internacional de Washington, de onde regressou a 26 de agosto de 1890, sendo já o Brasil uma República.

O HOMEM

Reencarnação de Bayard, "sans peur et sans reproche", sua figura inconfundível de 1,70 m e físico atlético, brilhava nos salões, onde marcava

a quadriilha como ninguém, tendo apenas como rival a Deodoro da Fonseca; dirigia "cotillons" e conversava eloqüentemente em inglês, francês, espanhol, sendo-lhe familiares o alemão e o italiano. Traduzia com facilidade o latim. Era orador primoroso. Utilizava o vernáculo como poucos. Era um apaixonado das artes, dedilhando com elegância o piano, tal como aprendera de seu pai, conhecendo, ainda, outros instrumentos. Possuía bela voz de barítono. Tinha um fraco pelo xadrez: podia jogar várias partidas simultâneas sem mesmo se deter nos tabuleiros; conta-se que venceu famoso beneco enxadrista em Londres até então imbatível.

Sempre que podia acorria à sua fazenda de Campos, que até hoje conserva intacto o seu quarto, para rever os familiares e mimosear com extravagâncias estrangeiras sua mãe-preta. Seu traçar era impeditivo, suas maneiras distintas e sóbrias; seu caráter firme e robusto.

Entim, uma personalidade tão marcante que todos os que o conheceram e dele privaram ficavam impressionados para sempre.

O MILITAR

Jamais trocou a vida mundana pelo passado do seu navio. Vivia para a Marinha. Sempre corretamente fardado, sua figura se destacava em ilibada conduta militar. Disciplinador incontestado e terrível era, também, o mais obediente dos soldados. Conhecia cada um dos homens de seu comando, exercendo-o com vigor e bondade. Sua



Saldanha da Gama como Capitão-Tenente

obsessão residia em prestigiar os seus comandados que a ele se devotavam com ardor. Chegava ao capricho de saber apitar nas manobras e coser pano como velho marujo. Seu esporte predileto era a esgrima, procurando difundir esta arte entre os seus Oficiais. Posou a Medalha da Campanha do Paraguai, o Duplo Dragão da China, Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz, Comendador da Ordem da Rosa, Comendador da Ordem de Cristo e Comendador da Ordem do Cruzeiro.

O ESCRITOR NAVAL

Debutou nas letras com as inúmeras cartas que escreveu ao pai da campanha paraguaia que, sozinhas, já constituem um título de glória. Terminada a Guerra preparou 4 planos a ela



Tincheiras florianistas no Arsenal de Marinha

referentes e uma *Memória sobre Torpedos*, impressa em 1873. Produziu extenso *Relatório* sobre a Exposição de Viena, cidade em que publicou *As Novas Formas a dar aos Cascos dos Navios e suas respectivas vantagens*. No ano seguinte escreve a *Memória sobre as Agulhas de Marear*. Da sua representação em Filadélfia resultou um *Catálogo* e uma *Notícia dos Modelos de navios brasileiros*, bem como extenso *Relatório* sobre a Escola Naval de Anápolis e Academia de West-Point. Em 1878 publica um *Estudo sobre a Conservação de Madeiras*. De volta da viagem à China a Revista Marítima estampava notável estudo seu sobre *As Marinhas Militares do Mundo*. Em colaboração com o Barão Homem de Mello e Orville Derby sala, em 1884, a

Geografia Física do Brasil. Três anos depois, os Anais do Imperial Observatório Astronômico do Rio de Janeiro publicavam as suas *Notas de Viagem*, escritas em português e francês. Da viagem do cruzador *Almirante Barroso* resultou precioso *Relatório*, impresso pela Revista Marítima Brasileira, em 1888. Completei esse extraordinário conjunto diversas Cartas, ainda hoje não totalmente reunidas, e o seu *Diário* de campanha nas plagas sulinas.

SALDANHA DA GAMA E A REPÚBLICA

Apesar de admirar a Monarquia aceitou a República como fato consumado, respeitando as palavras do venerando Almirante Tamandaré: "O que está feito está feito; cuidamos de tra-



balhar e engrandecer a Pátria". Nunca fora um político nem se deixara atrair pela cortezanha do Paço Imperial; por isso, continuaria a sua linha de conduta: um militar disciplinado e devotado à sua Marinha. A 2 de setembro de 1890 assume o Comando do Corpo de Marinheiros Nacionais, com quartel na Ilha de Villegagnon. A 14 de novembro do ano seguinte é promovido a Contra-Almirante.

Diante da revolta do Contra-Almirante Custódio José de Mello enganhou-se do lado de Deodoro da Fonseca de quem era amigo sincero. O Presidente o nomeia Chefe do Estado-Maior da Armada e ordena-lhe dominar o levante, o que não pode ser executado em águas da Guanabara. Saldanha insiste junto ao Marechal para

resistir, mas esta prefere a renúncia, ouvindo os conselhos do Barão de Lucena. Saldanha da Gama retira-se para Campos em discreto ostracismo.

Chama-o Floriano Peixoto para ocupar a direção da Escola Naval. Não admirava o Vice-Presidente, desaprovava a sua permanência na Chefia da Nação, não esposava as idéias positivistas. Mas a Marinha estava acima de tudo e ela precisava dele. Em abril de 1892 surgiu na Ilha das Enxadas para ocupar o seu último posto.

NA ESCOLA NAVAL

Ali a desordem dominava; era uma "república" de estudantes que não estudavam, onde todos mandavam e ninguém obedecia. O novo Diretor revolucionou toda a rotina, impon-

do uma disciplina férrea, modificando a instrução militar, introduzindo o conhecimento de boas maneiras, aprimorando a alimentação, verificando as fainas diárias. Sabia a situação de cada Aspirante e não raro ajudava os mais pobres. Por vezes, viam-no conduzir cinco ou seis Aspirantes ao Teatro Lyrico, cujas cadeiras pagava de seu bolso. Tornou-se um ídolo; seu prestígio aumentava consideravelmente.

Na noite de 28 de abril (1893) Floriano o manda chamar. Pede que aceite a Pasta da Marinha, vaga pela incompatibilidade de Custódio de Mello. Com altivez recusa. A guerra civil se avizinhava inevitável, terrível.

A REVOLTA DA ARMADA

A 6 de setembro de 1893 a Contra-Almirante Custódio José de Mello revoltou quase todos os navios de guerra e alguns mercantes contra o governo do Marechal Floriano Peixoto. Saldanha desaconselhara aos companheiros qualquer movimento armado; tenta, por isso, uma solução diplomática no dia 13, mas fracassa por causa da irreductibilidade dos líderes. Decide, então, ficar na Escola e salvaguardar os Aspirantes dos efeitos da revolta.

Enquanto se desenvolviam as hostilidades de ambos os lados, Saldanha ocupa a Ilha das Cobras, preparando o Hospital para receber feridos. A Revolta se esvaíava com a interferência das nações estrangeiras, apesar da instalação de um Governo Provisório em Desterro, S. Catarina. Saldanha mantinha-se em estrito alheamento político, contendo os Aspirantes que ardiam de desejos de participar da Revolta; por duas ocasiões foi obrigado a reconduzir à Ilha das Enxadas os que tinham se evadido para os navios rebeldes.

Entretanto, a sua posição tornou-se cada vez mais difícil, sendo arrastado a aderir à Revolta, quando esta já estava virtualmente perdida. A 7 de dezembro vinha à luz o seu Manifesto, sendo-lhe atribuída a pecha de restaurador, o que é absolutamente inverídico. Assumindo o Comando em Chefe da Revolta, já que, com a sua definição, o Almirante Mello dirigira-se para o sul, reinicia os bombardeios e tenta ocupar Niterói, a 9 de fevereiro de 1894. Os combates na Ponta da Areia e na Armação Ilha foram favoráveis,

mas não dispunha de efetivo suficiente para sustentar a posição, retirando-se com dois ferimentos profundos que muito o incomodaram.

A escassez de provisões, o alastramento do beribéri entre seus esgotados homens, a diminuição de munições, e chegada premente da esquadra adquirida por Floriano Peixoto nos Estados Unidos, apelidada de "de papelão", a queda de Magé, local de abastecimento, foram as razões que levaram Saldanha a pedir asilo político para seus homens e para si ao Comandante

homens, recebidos com alegria em Montevidéu. O seu espírito cavaleiresco não se acomodou ao tranqüilo exílio uruguaio; parte para a Europa a fim de tratar de libertar os companheiros em mãos portuguesas. Nada, porém, conseguiu; não chegou mesmo a pisar solo português. Foi nessa ocasião que conheceu Rui Barbosa, que por ele se encantou. Deixou-se ficar em Paris por dois meses.

Volveu, então, ao Prata. Concluiu ser necessário por-se à frente das forças rebeldes desbaratadas e continuar

dencial, o General Inocêncio Galvão de Queiroz. Estava com seus homens no Campo dos Osórios quando, a 24 de junho (1895) um ataque de surpresa desmanchou suas defesas. Vários são mortos; todos tentam a fuga desordenada. E nessa corrida desabalada, onde ninguém mais se entendia, o Almirante foi lançado pelos irmãos Tambeiro, que nem o conheciam. Caiu do cavalo, arrastou-se e deles ainda levou duas cuteladas na cabeça que o mataram. Encontrou-se seu cadáver a 25 de julho, sendo sepultado no cemitério de Rivera.

A CONSAÇÃO

A sua morte assim prematura a todos abalou. Era uma perda irreparável, concluiu o Jornal do Comércio. Mas a sua influência não desapareceu: os jovens escutavam dos Oficiais mais antigos os exemplos deixados pelo Almirante. Tornou-se, assim, o Mestre espiritual de uma escola invisível, na qual todos ingressavam espontaneamente, almejando copiar-lhe a marcante personalidade. Em 1908, já apagadas as lutas partidárias, recebeu a Pátria seus despojos, por determinação do então Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, repousando em singelo mausoléu no cemitério de S. João Batista.

Herói completo da Marinha Brasileira, símbolo da força da raça, dele escreveu Rui Barbosa: "A luta contra o Florianismo dizimou a Marinha de Guerra e desagregou-a; a ingrata fortuna das armas roubou-lhe em Saldanha da Gama o herói dos heróis, o seu organizador possível, o homem mais completo e o caráter mais extraordinário que conheci na terra". "Soldado — completou Martin Francisco — caiu como na Antiguidade sabiam cair os espartanos."

A nobre lembrança dessa Turma do Jubileu de Prata significa a eternidade dos princípios de vida e honra militar de Luiz Philippe de Saldanha da Gama e o compromisso de lhe seguirem o exemplo: **ESPERO PODER CUMPRIR O MEU DEVER ATÉ O SACRIFÍCIO**



Bateria no morro do Castelo

Augusto Castilho. Na noite de 12 para 13 de março (1894) embarcaram todos nas corvetas portuguesas *Mindelo* e *Afonso de Albuquerque*.

A AGONIA

O Comandante Castilho só desferrou a 18, dirigindo-se para Buenos Aires. Virtualmente preso a bordo, Saldanha tenta o asilo argentino, negado por Portugal, enquanto alguns homens escapuliam à vigilância lusa. Saldanha mantém correspondência com Silveira Martins que lhe põe a par dos acontecimentos no sul. Dias difíceis. Na noite de 26 de abril evade-se junto com 243

a luta. O ambiente de intrigas do Rio de Janeiro favorecia aos mais desencontrados boatos sobre a saída ou permanência da Floriano, sobre a posse ou não de Prudente de Moraes. Al encontramos a razão da sua atitude. Nos pampas gaúchos o Almirante trocou o passadizo de seu navio pela silha do cavalo e organizou os revolucionários, registrando suas andanças num *Diário* hoje precioso.

Verificam-se alguns combates isolados, sem expressão militar. O novo Presidente, que afinal se empossara, trabalhava pela paz. Saldanha sabia das demarches do representante presi-

Rui de Saldanha

A NOSSA TURMA

Al Paulo Ricardo GIRÃO Garcia

Naquele dia quente e abafado em que, vindo para Angra dos Reis, deixamos enclumada a Cidade Maravilhosa, tínhamos em nossas mentes, ainda que abarrotadas das ilusões da adolescência, a certeza de que uma vitória havia sido alcançada e que caminharíamos para a sua concretização.

Víamos ainda pela estrada velha, presenciando uma natureza que mais seduzia a vista por suas formas e colorido, encantava a audição pelo som agradável dos habitantes da mata, e tudo isso envolto numa atmosfera pura e de fragrância tão suave que mais parecia estarmos caminhando para um paraíso perdido, onde algo muito especial faria uso generoso de nossa presença.

O mar demorou a se mostrar, porém quando o fez, alimentando as expectativas, estava de parceria com as montanhas e o céu, compondo um desses quadros naturais que nos deixa boquiabertos. Não demorou muito e estávamos no Colégio Naval — apeli-

dado à primeira vista de "colônia de férias". Fomos então recebidos "calorosamente" por nossos veteranos que, por estarem de bermudas, foram motivo de risos daqueles que passariam à história da nossa turma como os pioneiros na arte de "guarnecer o solo pátrio". A semana de adaptação foi dura prova, não superada por alguns que cedo pediram baixa. Depois a "rotina normal, sem alterações" nos fez conhecer, no decorrer do ano, os professores, oficiais, os veteranos, enfim, tudo que compunha a vida do CN. Alegrias e tristezas, despedidas e reencontros, dúvidas e procura do certo, por tudo isso passamos e não foram poucas as lições de vida que aprendemos.

Após o meio do ano estávamos mais "safos" e a grande pedida era recebermos, dali a quatro meses, a "cana-do-leme" — símbolo de elevação a uma dignidade: a de sermos veteranos! A outra turma partia para a Escola Naval e nós assumíamos...

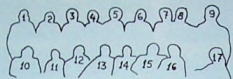
A volta das férias de fim-de-ano marcava uma nova etapa. O reencontro da turma, os abraços e os "altos-papós" dos amigos eram a fonte da motivação que nos alimentaria até o final do ano. Novamente enfrentamos as provas de aptidão física, do ensino colegial, as competições com outros estabelecimentos, só que com um de-

talhe: éramos então os "mandachuvas" — em termos, é claro. Não precisávamos mais correr para que não nos "carteassem" os remos das canoenses aos fins-de-semana; os Snipes e Guanabaras eram por nós patrocinados; a RAU — República Aratáca Unida — estava sob nosso comando e em plena atividade em Angra.

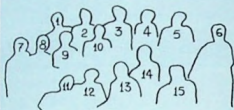
A grande novidade foi a viagem de instrução, em que fomos até Vitória — nosso primeiro real contato com a vida de Marinha. Os "mareados" não gostam muito de comentários sobre ela, mas a opinião geral mostra contentamento e muito entusiasmo. Vale também destacar as comemorações dos 25 anos de fundação, o Jubileu de Prata do CN, que pôs à prova nossa capacidade de organização e criatividade, evocando as mais diversas formalidades e as homenagens mais sinceras.

Agora é a Escola Naval que está à nossa proa — e os calouros, ansiosos pela cana-do-leme, ficam pela popa. Ah, CN... ainda não sabemos se estas montanhas que o circundam, se este céu — que os românticos de noite contemplaram e ambicionaram levar dele algum pedacinho —, se esta Angra, se você próprio, deixarão saudades em nossos corações; algo queremos, no entanto, exprimir: por ter-nos ensinado a enfrentar sozinhos a vida, obrigado!

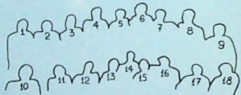




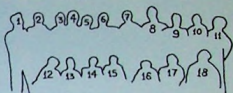
- | | |
|---------------------|---------------------------|
| 1 - Pinto da Silva | 15 - Barcelos de Oliveira |
| 2 - Luiz Antonio | 16 - Palácios |
| 3 - Kwiwlelewicz | 17 - Fernandes |
| 4 - Nicomar | |
| 5 - Cláudio | |
| 6 - Sesso | |
| 7 - Ronald | |
| 8 - José Antonio | |
| 9 - Rainho | |
| 10 - Barreto | |
| 11 - Noveas | |
| 12 - David | |
| 13 - Kronenberger | |
| 14 - Vieira Salgado | |



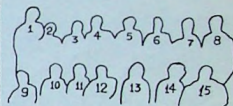
- | | |
|----------------------|-------------|
| 1 - Cromack | 13 - Fábio |
| 2 - Lemos | 14 - Santos |
| 3 - Lima | 15 - Barros |
| 4 - Martins | |
| 5 - Martins de Silva | |
| 6 - Gonzaga | |
| 7 - Ubiratan | |
| 8 - Marandino | |
| 9 - Moreira | |
| 10 - Abrantes | |
| 11 - Sayão | |
| 12 - Bruce | |



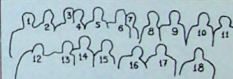
- | | |
|------------------------|---------------------|
| 1 - Junger | 15 - Sérgio Barbosa |
| 2 - Elisio | 16 - Farias |
| 3 - Onias | 17 - José Carlos |
| 4 - Prado | 18 - Barbejat |
| 5 - Correia de Melo | |
| 6 - Torres | |
| 7 - Mendonça | |
| 8 - Sérgio Luiz | |
| 9 - Maia | |
| 10 - Tabet | |
| 11 - Paixão | |
| 12 - França | |
| 13 - Ferreira da Silva | |
| 14 - Maciel | |



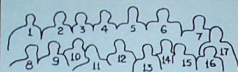
- | | |
|------------------|---------------------|
| 1 - Magalhães | 15 - Lopes Loureiro |
| 2 - Amaury | 16 - Nilberto |
| 3 - Natividade | 17 - Venâncio |
| 4 - Gama | 18 - Tavares |
| 5 - Kimio | |
| 6 - Serrado | |
| 7 - Paulo | |
| 8 - Costa | |
| 9 - Lucchetti | |
| 10 - Volpi | |
| 11 - Aristóteles | |
| 12 - De Paula | |
| 13 - Botelho | |
| 14 - Niobey | |



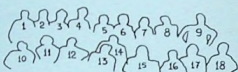
- | | |
|-------------------|--------------|
| 1 - Túlio | 13 - Seixas |
| 2 - Viamonte | 14 - Barbosa |
| 3 - Petti | 15 - Zanela |
| 4 - Leonam | |
| 5 - Leone | |
| 6 - Frade | |
| 7 - Scher | |
| 8 - Djalma | |
| 9 - Wangler | |
| 10 - Luis Cláudio | |
| 11 - Oliveira | |
| 12 - Tertius | |



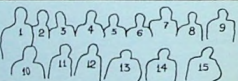
- | | |
|---------------------|----------------------|
| 1 - Zuccaro | 16 - Ricardo Pedroso |
| 2 - Marcelo | 17 - Da Silva |
| 3 - César | 18 - Mucciolo |
| 4 - Galli | |
| 5 - Savelli | |
| 6 - Albuquerque | |
| 7 - Paulo Brito | |
| 8 - Pereira da Cruz | |
| 9 - Távora | |
| 10 - Massapust | |
| 11 - Viveiros | |
| 12 - Gusmão | |
| 13 - Justino | |
| 14 - Vieira | |
| 15 - Mascarenhas | |



- | | |
|-----------------------|------------------|
| 1 - Araújo Costa | 15 - Groetaers |
| 2 - Louvain | 16 - Prado Viana |
| 3 - Guedes | 17 - Benevides |
| 4 - Pieroni | |
| 5 - Angra | |
| 6 - Edervaldo | |
| 7 - Barcellos | |
| 8 - Pedretti da Silva | |
| 9 - Gustavo | |
| 10 - Campos | |
| 11 - Correa | |
| 12 - Armando | |
| 13 - Guerreiro | |
| 14 - Salles | |



- | | |
|--------------------|----------------------|
| 1 - Castilho | 16 - Mattos |
| 2 - Gouveia | 17 - Antonio |
| 3 - Carneiro | 18 - Nilo de Almeida |
| 4 - Múcio | |
| 5 - Fonseca | |
| 6 - Pacheco | |
| 7 - Wilson | |
| 8 - Guimarães Dias | |
| 9 - Lucena | |
| 10 - João Antonio | |
| 11 - Juarez | |
| 12 - Nemeth | |
| 13 - Colvara | |
| 14 - Ary | |
| 15 - Alípio Jorge | |



- | | |
|----------------------|----------------------|
| 1 - Gil | 13 - Carvalho |
| 2 - Leite | 14 - Okumura |
| 3 - Menezes Loureiro | 15 - Torres Ferreira |
| 4 - Octaviano | |
| 5 - Bento | |
| 6 - Dantas | |
| 7 - Igor | |
| 8 - Xavier | |
| 9 - Rosette | |
| 10 - Dieter | |
| 11 - Roner | |
| 12 - Nunes Carvalho | |

O PARANINFO DA TURMA



Ex-professor do Colégio Pedro II e docente da Escola de Formação de Oficiais da PM, o Prof. Guilherme de Andrée Frota ingressou no CN no início de 1973 e, de lá para cá, vem exercendo intensa atividade ocupando a cadeira de História do Brasil para o terceiro ano. Figura de personalidade marcante, o Mestre Frota sabe tornar suas aulas mais comunicativas, graças ao jeito pelo qual nos mostra o que é realmente a História, encarando com consciência a importância de seu trabalho para com os futuros Aspirantes de nossa Marinha.

Neste ano de 1976, entre diversos outros serviços, organizou a mostra fotográfica retrospectiva dos 25 anos do Colégio Naval. Acompanhou a turma quando da viagem de instrução, e, de norte, no convés do navio, podia-se observar um grupo de alunos que cercava o mestre a discutir sobre fatos históricos.

Agora, no final do ano, o Professor Frota foi eleito por unanimidade membro da Academia Brasileira de História. E além disso, é descendente colateral do nosso Patrono — Almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

É o Prof. Frota, um amigo para qualquer hora, paraninfo da turma de 1975 do Colégio Naval.

O Discurso do Paraninfo



A nobreza e a generosidade da vossa fidalguia, com as quais me distinguiram, elevando-me ao paraninfo da Turma Almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama, se é certo que me envaldece pela sua eloquência, pelo seu fervor e elegância, e pela sua espontaneidade, e, como tal, profundamente me comove, é uma dívida que não se resgata com um agradecimento formal. Por toda a vida estará sempre presente, aquecendo-nos a alma e servindo como um penhor de crença na boa sementeira. Recebo a nimia honraria da vossa bondade mui confuso, dado o limitado valor que me reconheço e que procuro suprir com a grande boa vontade que nutro de bem servir à Marinha.

Felizes daqueles que, como vós, podem alcançar a fortuna de formar o espírito e o corpo num ambiente de saber profundo, onde se cultua o amor à Pátria, a Disciplina, a Honra, o Companheirismo e o Estudo. Adquiristes, nestes momentos que convivestes no Colégio Naval, o preparo indispensável para a notável carreira do Oficialato de Marinha e concluístes ser ela harmônica, bela, distinta, plena de responsabilidades. Aprendestes a saber,

consequência do diligente e atilado estudo a que vos submetestes, impregnando as vossas mentes, antes imberbes, das variadas facetas do conhecimento humanístico, e armastes vosso intelecto de um cabedal precioso, capaz de desvendar veios riquíssimos. Conhecestes novos companheiros, vindos de múltiplos rincões de nosso vasto território, caldeando aqui vossas esperanças e ambições futuras e, como guerreiros espartanos, encontrastes o mérito da Amizade. Nodulastes o físico primaveril na cotidiana prática de esportes salutareis e formastes campeões. Desenvolveistes o vosso caráter, pensando aos dotes que recebestes de passadas gerações, e blindagem necessária que constitui o estofo do militar brasileiro.

Busquemos na História, a Mestre da Vida, como o bem disse Cícero, as origens e atuação do Paraninfo. Nasceu a instituição na Grécia Clássica: valia-se o jovem e tímido noivo de um experimentado padrinho que conduzia a noiva do seio da sua família para o Templo, onde era sacramentada a união. Conservou-se a prática em Roma, alterando-se na Idade Média, vincu-

lada a existência do Paraninfo na cerimônia de investidura militar do cavaleiro. Este, aprendia a arte da guerra, o manejo das armas, o uso da montaria, o trato em sociedade, o respeito a Deus e à sua Igreja. E quando atingia os 21 anos, idade mais mística do que física, velava por noite inteira suas armas, diante de sacro altar, em profunda meditação, sendo, em seguida, sagrado cavaleiro, apresentado aos demais por seu paraninfo, justamente aquele que o havia iniciado, aquele que havia sido seu Mestre.

O que hoje aqui desempenhamos é, pois, uma revivescência de antigas práticas, sendo o vosso paraninfo apenas o símbolo de todos aqueles que direta ou indiretamente concorreram para a vossa formação. Conduzo-vos, imaginativamente, ao Altar da Pátria, e a ela vos apresento para que possais prosseguir no combate ao mal, à injustiça, às trevas, à ignorância, tal como cavaleiros redivivos. Sede a vossa espada sempre a da Justiça, temperada com o doce néctar olímpico; sede de espesso aço a vossa armadura, capaz de impedir a antítese da liberdade; sede vosso corcel o Pé-gaso das grandezas que almejamos possuir; sede vosso coração puro e bom, como em perene demanda do Santo Graal.

Nesse momento que para vós representa a glória, consecussão de tão largos esforços e sacrifícios, nesse momento que para vós o encontro próximo com a Escola Naval, nova e séria etapa da vossa carreira se avizinha, concho-vos a meditar, como o faziam os cavaleiros medievais, e a penetrar no âmago das catédrais que cada um de nós projeta e constrói para que compreendais que tendes um encontro marcado com a História. Na insondável harmonia dos juízos divinos e das realidades humanas, esta é a vossa hora. A hora do despertar deste pujante País, à qual a leveza da vossa juventude permitirá orgulhar-vos de seus progressos, da imponência de suas grandezas, da superioridade de seus homens, na eurlítmia e na liberdade das suas instituições. O vosso encontro, meus jovens afilhados, é, pois, com a Pátria.



